

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO E BIBLIOTECONOMIA
CURSO DE BIBLIOTECONOMIA

GLEISE DE FREITAS

**AS TECNOLOGIAS DA INFORMAÇÃO NA
FORMAÇÃO DO BIBLIOTECÁRIO:
UMA REVISÃO BIBLIOGRÁFICA**

Goiânia

2007

GLEISE DE FREITAS

**AS TECNOLOGIAS DA INFORMAÇÃO NA
FORMAÇÃO DO BIBLIOTECÁRIO:
UMA REVISÃO BIBLIOGRÁFICA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Biblioteconomia, da Faculdade de Comunicação e Biblioteconomia, da Universidade Federal de Goiás, para obtenção de título de Bacharel em Biblioteconomia.

Orientadora: Profa. Dra. Maria de Fátima Garbelini

Goiânia

2007

Freitas, Gleise de.
F862t As tecnologias da informação na formação do Bibliotecário :
uma revisão bibliográfica [manuscrito] / Gleise de Freitas. –
Goiânia, 2007.
59 f. : il. ; 29 cm

Referências

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Universidade
Federal de Goiás, Faculdade de Comunicação e Biblioteconomia,
2007.

Orientadora: Profa. Dra. Maria de Fátima Garbelini

1. Ensino de biblioteconomia. 2. Formação acadêmica.
3. Bibliotecário. 4. Profissional da informação. 5. Tecnologia
da informação. I. Freitas, Gleise de. II. Título.

CDU 02:37:004

GLEISE DE FREITAS

**AS TECNOLOGIAS DA INFORMAÇÃO NA
FORMAÇÃO DO BIBLIOTECÁRIO:
UMA REVISÃO BIBLIOGRÁFICA**

Trabalho de Conclusão de Curso defendido no Curso de Biblioteconomia da Faculdade de Comunicação e Biblioteconomia da Universidade Federal de Goiás, para a obtenção do grau de Bacharel, aprovado em _____ de _____ de _____, pela a Banca Examinadora constituída pelos seguintes professores:

Profa. Dra. Maria de Fátima Garbelini - UFG

Presidente da Banca

Profa. Andréa Pereira dos Santos – UFG

Aos meus pais, presentes em todos os dias de minha vida. Por dedicarem suas vidas a minha educação e a do meu irmão. Por me mostrarem o caminho da humildade, do caráter, da alegria e da fraternidade. Ao meu irmão por seu apoio e compreensão.

Sem suas presenças seria impossível concretizar meu sonho, buscando o meu lugar ao sol.

*“O que vale na vida não é o ponto de partida e sim a caminhada.
Caminhando e semeando, no fim terá o que colher”.*

Cora Coralina

RESUMO

Desde o seu surgimento, as tecnologias da informação têm alterado de forma decisiva o mundo da informação. A maciça introdução dessas tecnologias no contexto de trabalho dos profissionais ligados à informação, redundou em modificações na forma de atuar, conseqüentemente, nas necessidades de formação e educação. Este trabalho aborda alguns pontos relativos às dificuldades do equacionamento das disciplinas de conteúdo tecnológico no processo de formação dos bibliotecários e como essas questões têm sido observadas na literatura especializada da área, e incorporação de tais disciplinas nos currículos dos cursos de Biblioteconomia existentes no Brasil. Ressalta a importância do conhecimento teórico e prático das tecnologias da informação, por parte do profissional bibliotecário. Reflete o caráter imprescindível que estas assumem para a sua prática profissional, e ainda, o papel educativo-formador das instituições de ensino superior, na formação de profissionais bibliotecários, mais preparados para atuar no novo ambiente informacional, gerado pelos constantes avanços nas tecnologias da informação, estando capacitados para atender as exigências do mercado de trabalho.

Palavras-chave: Ensino de biblioteconomia. Formação acadêmica. Bibliotecário. Profissional da informação. Tecnologia da informação.

ABSTRACT

From your appearance, the technologies of the information have been altering in a decisive way the world of the information. The solid introduction of those technologies in the work context of the linked professionals to the information was redundant in modifications in the form of acting, consequently, in the formation needs and education. This work approaches some relative points to the difficulties of the equacioning of the disciplines of technological content in the process of the librarians' formation and as those subjects they have been observed in the specialized literature of the area, and incorporation of such disciplines in the resumes of the courses of existent Librarianscience in Brazil. Its points out the importance of the theoretical and practical knowledge of the technologies of the information, on the part of the professional librarian. It reflects the indispensable character that these assume for your professional practice, and still, the paper educational-training of the higher education institutions, in the professionals librarians' formation, more prepared to act in the new it adapts informacion's enviroment, generated by the constant progresses in the technologies of the information, being qualified to assist the demands of the job market.

keywords: Librarianscience teaching. Academic formation. Librarian. Professional of the information. Technology of the information.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

QUADRO 1 - Instituições que possuem curso de biblioteconomia e/ou ciência da informação no Brasil	38
GRÁFICO 1 - Cursos de Biblioteconomia por tipo de instituição de ensino no Brasil	40
GRÁFICO 2 - Distribuição de cursos de Biblioteconomia por região do Brasil	41
GRÁFICO 3 - Escolas de Biblioteconomia que disponibilizam o currículo on-line	41

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABEBD	Associação Brasileira de Ensino de Biblioteconomia e Documentação
ABECIN	Associação Brasileira de Educação em Ciência da Informação
CES	Câmara de Educação Superior
CESAT	Escola Superior de Ensino Anísio Teixeira
CNE	Conselho Nacional de Educação
FABCI	Faculdade de Biblioteconomia e Ciência da Informação
FAINC	Faculdades Integradas Coração de Jesus
FATEA	Faculdades Integradas Teresa D'Ávila
FCIC	Faculdade de Ciências da Informação de Caratinga
FID	Federação Internacional de Documentação
FURG	Fundação Universidade Federal do Rio Grande
IESF	Instituto de Ensino Superior da Funlec
IMAPES	Instituto Manchester Paulista de Ensino Superior
LDB	Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional
MEC	Ministério da Educação e Cultura
PUC-CAMPINAS	Pontifícia Universidade Católica de Campinas
PUCPR	Pontifícia Universidade Católica do Paraná
UDESC	Fundação Universidade do Estado de Santa Catarina
UEL	Universidade Estadual de Londrina
UESPI	Universidade Estadual do Piauí
UFAL	Universidade Federal de Alagoas
UFAM	Universidade Federal do Amazonas
UFBA	Universidade Federal da Bahia
UFC	Universidade Federal do Ceará
UFES	Universidade Federal do Espírito Santo
UFF	Universidade Federal Fluminense
UFG	Universidade Federal de Goiás
UFMA	Universidade Federal do Maranhão
UFMT	Universidade Federal de Mato Grosso
UFMG	Universidade Federal de Minas Gerais

UFPA	Universidade Federal do Pará
UFPB	Universidade Federal da Paraíba
UFPE	Universidade Federal de Pernambuco
UFRGS	Universidade Federal do Rio Grande do Sul
UFRJ	Universidade Federal do Rio de Janeiro
UFRN	Universidade Federal do Rio Grande do Norte
UFSC	Universidade Federal de Santa Catarina
UFSCAR	Universidade Federal de São Carlos
UnB	Universidade de Brasília
UNESP	Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho
UNIFAI	Centro Universitário Assunção
UNIFORMG	Centro Universitário de Formiga
UNIRIO	Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
USP	Universidade de São Paulo
USU	Universidade Santa Úrsula

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	12
2	A TECNOLOGIA DA INFORMAÇÃO NA BIBLIOTECONOMIA	14
2.1	TECNOLOGIA DA INFORMAÇÃO	17
3	BIBLIOTECÁRIO OU PROFISSIONAL DA INFORMAÇÃO?	19
3.1	BIBLIOTECÁRIO TRADICIONAL VERSUS BIBLIOTECÁRIO DAS TECNOLOGIAS	24
4	FORMAÇÃO ACADÊMICA EM BIBLIOTECONOMIA NO BRASIL	26
4.1	DIRETRIZES CURRICULARES DOS CURSOS DE BIBLIOTECONOMIA NO BRASIL	29
4.1.1	Disciplinas de tecnologia da informação	32
5	MUDANÇAS NO PERFIL E NO MERCADO DE TRABALHO DO BIBLIOTECÁRIO	34
6	METODOLOGIA	36
6.1	INSTRUMENTOS DE COLETA DOS DADOS	37
6.2	ANÁLISE DOS DADOS	37
7	RESULTADOS E DISCUSSÃO	38
8	CONSIDERAÇÕES FINAIS	44
	REFERÊNCIAS	46
	BIBLIOGRAFIA CONSULTADA	51
	SITES CONSULTADOS	53
	APÊNDICE A – Disciplinas tecnológicas dos cursos de Biblioteconomia no Brasil	55

1 INTRODUÇÃO

Desde o seu surgimento, as tecnologias da informação têm alterado de forma decisiva o mundo da informação, gerando a partir dela, novos modos de armazenar, transmitir, receber e conservar a informação, não apenas as técnicas são afetadas, mas principalmente, as ciências e os profissionais que se ocupam dela.

As áreas relacionadas à informação têm sido sistematicamente atingidas pela evolução dessas tecnologias. Com isso, temia-se que algumas profissões desaparecessem ou perdessem representatividade, entre elas, a do bibliotecário. No entanto, ao contrário de que se pensava, elas acabaram gerando mais oportunidades e campos de atuação.

Na literatura fala-se muitas vezes no “impacto” dessas novas tecnologias sobre as profissões relacionadas à informação. Desta forma, elas seriam algo comparável a um projétil e os profissionais da informação um alvo vivo. Silva (2004) salienta que o impacto da mudança é similar ao da aprendizagem, cujo domínio do conhecimento altera substancialmente o comportamento do indivíduo ou da organização, que o impacto não está no uso da tecnologia, mas na sua operação, reside na mudança de postura no pensar, na aquisição de novos conhecimentos, nas mudanças de atitudes e de comportamentos que visualizem novas alternativas.

No campo da ciência da informação não é novidade reconhecer que as tecnologias da informação exercem um papel preponderante em todas as rotinas de qualquer atividade que se possa imaginar nas bibliotecas, nos centros e serviços de informação. Pois a tecnologia da informação não serviu, apenas, para acelerar os velhos processos da Biblioteconomia, mas para transformá-los.

O advento das tecnologias da informação trouxe para o cenário biblioteconômico, mudanças consideravelmente radicais, alterando, principalmente, o processo de difusão do conhecimento e aqueles que envolvem a busca e recuperação da informação. Deste modo, busca-se transformar a Biblioteconomia, criando um novo perfil para o bibliotecário.

Para tanto, necessita-se dissipar aquela secular imagem, que ainda revela uma figura estereotipada e na maioria das vezes antagônica ao tempo, concebida pela literatura, cinema e até pela publicidade, de uma velhinha de óculos, atrás de um balcão sempre pedindo silêncio a todos, que se necessário for protegerá os seus livros com a própria vida.

Essa figura que trás consigo o famoso estigma de *guardião da informação*, sendo informação um termo mais recente ou *guardião do saber*, que soa mais medieval, é muito

bem definido por Umberto Eco em seu romance histórico *O nome da rosa*. Que ele descreve da seguinte maneira:

Somente o bibliotecário recebeu o segredo do bibliotecário que o precedeu, e o comunica, ainda em vida, ao ajudante-bibliotecário, de modo que a morte não o surpreenda, privando a comunidade desse saber. [...] Somente o bibliotecário, além de saber, tem o direito de mover-se no labirinto dos livros, somente ele sabe onde encontrá-los e onde guardá-los, somente ele é responsável pela sua conservação. [...] somente o bibliotecário sabe da colocação do volume, do grau de sua inacessibilidade, que tipo de segredos, de verdade ou de mentiras o volume encerra. Somente ele decide como, e se deve fornecê-lo ao monge que o está requerendo [...] (ECO, 2003, p. 44).

Mas a informação, o verdadeiro objeto de trabalho do bibliotecário, não o livro, atualmente apresenta uma relevante importância em nossa sociedade. Este fato vem modificando a cultura dos profissionais ligados a ela.

De acordo com Cunha (2000, p.71),

A substituição dos paradigmas tradicionais das profissões da informação como consequência do impacto das novas tecnologias sobre o processamento, a transmissão, a organização e o acesso à informação, a ubiquidade da informação disponível e seu acesso virtual – tudo contribui para repensar competências, habilidades e estratégias de formação para um exercício profissional satisfatório.

O mercado de trabalho do bibliotecário tem apresentado mudanças com as novas tecnologias e há cobranças da sociedade para que haja uma valorização de seu fazer e de seu saber profissional.

Para os bibliotecários, além da importância de refletir sobre a pertinência da informação para o indivíduo, organização e sociedade, acrescentam-se as questões referentes às transformações ocorridas na sua atuação, principalmente no que concerne a introdução das novas tecnologias da informação, focalizando a interferência direta ou indireta que causaram na sua formação.

Nesta perspectiva, é necessário que haja uma reflexão sobre a identidade do profissional bibliotecário, seu perfil, capacitação e atuação diante do atual contexto de mercado, decorrente do advento das tecnologias da informação, considerando-se para tanto, à sua formação acadêmica.

O presente trabalho propõe-se a discutir o que literatura especializada tem apresentado sobre o tema da formação acadêmica e profissional do bibliotecário, enfocando, especificamente a incorporação das tecnologias da informação nos currículos das instituições de ensino superior de biblioteconomia no Brasil.

2 A TECNOLOGIA DA INFORMAÇÃO NA BIBLIOTECONOMIA

Os estudos sobre a profissão bibliotecária não são novos e suas habilidades, competências e características têm sido debatidas ao longo do tempo sob diversos ângulos, sendo que ultimamente às tecnologias da informação desencadeiam uma parte significativa deles, não se podendo mais ignorar a necessidade de preencher esta lacuna na formação do bibliotecário.

Para Marcondes (1998, p.71),

Ninguém questiona a centralidade que as tecnologias da informação atualmente desempenham nas práticas dos profissionais de informação. Embora óbvio e inquestionável, lugar comum mesmo, a verdadeira dimensão desse impacto é ainda pouco dimensionada e é vista pelos profissionais de informação de uma forma bastante impressionista e superficial, ora subestimando-a, ora superestimando-a. Essa atitude ajuda pouco a aferir sua real dimensão. ‘O ensino e a formação profissional entre nós refletem a realidade dinâmica das tecnologias da informação de forma mais lenta e defasada ainda’. No entanto, apesar das nossas limitações, é importante e urgente recolocar e rediscutir a questão.

A evolução da área, que está passando de Biblioteconomia e trabalho fundamentalmente ligado aos suportes tradicionais da informação, como livros e periódicos, para Ciência da Informação, com um campo de atuação considerado ampliado, além da maciça introdução das tecnologias da informação, são aspectos que determinam novos ângulos no olhar e na formação dos bibliotecários.

Levacov (1997, p. 133), ao falar sobre bibliotecas virtuais, expressa como a tecnologia alterou os paradigmas da profissão. Ao comparar a “transição do manuscrito para o impresso” e “do impresso para o digital”.

Entretanto, essas mudanças não têm sido feitas de maneira gradual, mas brusca com relação à análise e avaliação dos bibliotecários, iniciando pela proposição da alteração da nomenclatura para profissional da informação, como isto, fosse determinante para mudar a essência da profissão, que é de disponibilizar a informação a quem necessitar dela.

Muitos autores relacionam a criação de um novo perfil profissional ao seu processo de formação, à sua educação. Tarapanoff (1989, p. 106), afirma que “o volume da informação e as novas tecnologias obrigam hoje o bibliotecário a repensar o seu perfil profissional e o seu papel no mercado da informação [...] é necessário investir em sua educação e treinamento”.

Mas o que realmente se percebe é que as mudanças nas tecnologias da informação ocorridas durante os últimos anos reorganizaram a maior parte das atividades associadas à Biblioteconomia ou Ciência da Informação. Este fenômeno, tão visível, sinaliza fortes mudanças e põe em cheque currículos e métodos de ensino dos cursos de Biblioteconomia.

Smit e Barreto (2002, p. 17) colocam esse ponto de maneira bastante clara quando dizem que:

O profissional desta área se encontra em um ponto no presente entre o passado e o futuro. Convive com tarefas e técnicas tradicionais de sua profissão, mas precisa atravessar para outra realidade, para onde estão indo seus clientes, e aprender a conviver com o novo e o inusitado, numa constante renovação de seus conhecimentos e do seu agir no trabalho.

Diante da complexidade dos temas que se originam a partir do advento das tecnologias da informação, observa-se que os textos que tratam de formação profissional para atuar em serviços ou sistemas de informação têm em comum o fato de recomendarem fortemente o conhecimento e capacitação para utilização dessas tecnologias, e em geral apresentam abordagens otimistas, plena de soluções e de perspectivas positivas, raramente são apresentados problemas.

As diferenças situam-se muito mais no aspecto focalizado pelos diferentes autores que podem tratar mais de questões relacionadas com a habilidade de utilização e manipulação dessas tecnologias, enquanto outros centram suas preocupações na capacitação para a construção de conteúdos utilizando as diferentes plataformas ou sistemas ou recursos disponíveis, provenientes da evolução tecnológica.

Arruda et al (2000, p. 19) cita que a Federação Internacional de Documentação (FID), realizou uma pesquisa mundial entre os profissionais da área para identificar o perfil do moderno profissional da informação*. No item da pesquisa, relativo às mudanças que estão ocorrendo no conteúdo do trabalho nos últimos cinco anos, a tecnologia desponta como propulsora das principais modificações, seguida por elementos de gestão organizacional e do trabalho, tais como intensificação do trabalho, aumento da responsabilidade individual, influência do mercado internacional e da competitividade e outros. No que diz respeito às qualificações necessárias para ascensão profissional, as respostas mais frequentes foram as seguintes: domínio das tecnologias da informação, aquisição de mais de um idioma, capacidade de comunicação e de relacionamento interpessoal, de gerenciamento etc. No

* O resultado dessa pesquisa fica disponível no site da FID, e proposta seria atualizá-la cada dois anos.

Brasil, na categoria mudanças e tendências do perfil profissional, a tecnologia é indicada como principal fator de mudanças nos últimos anos.

Santos (2002) lembra que no ambiente multidisciplinar em que hoje se desenvolvem as tarefas de informação, o bibliotecário tem a vantagem intelectual de ser o conhecedor da essência dos processos de análise e tratamento do conhecimento registrado. Mas tem, entretanto, que estar apto, para apropriar-se das ferramentas tecnológicas disponíveis para aperfeiçoamento e agilização de processos decisivos para o estabelecimento da organização e do tratamento da informação.

Blattmann e Fachin (1998 apud Cunha,1994), mencionam que é preciso "manter uma postura crítica em relação a cada tecnologia da informação, não achar que ela é a "resposta" para todos os nossos problemas. É importante que continuamos a avaliar as novas e antigas tecnologias, à luz da nossa missão primordial que é a de ajudar nosso cliente a encontrar a informação que precisa, na hora certa e no formato adequado."

Desta maneira, pode-se pensar no uso de recursos tecnológicos como possibilidades de desenvolvimento de sistemas que auxiliam na formação de profissionais relacionados à informação, como o bibliotecário. Contudo, temos que considerar que o uso de tecnologias não irá resolver os problemas da Biblioteconomia, mas sua utilização adequada e desmistificada oferece perspectivas positivas para a atuação do bibliotecário diante das atuais exigências.

Para Santos (2002),

Ao bibliotecário cabe reconhecer que a prioridade é a formação profissional e não o uso obrigatório das tecnologias; cabe-lhe igualmente perceber a urgência da formação de uma cultura tecnológica entre os profissionais e utilizar os recursos de informática para a obtenção do enriquecimento das atividades profissionais, considerando que o computador pode ajudá-lo a encontrar uma maneira de atuação mais interativa e participativa.

As tecnologias de informação devem ser consideradas ferramentas básicas de trabalho, instrumental de trabalho para qualquer tipo de unidade de trabalho/informação, uma vez que a seleção, a armazenagem, o processamento, a gestão, a recuperação e a disseminação da informação, através dessas tecnologias, são mais eficientes e eficazes. Por isso, os cursos formadores devem disponibilizar todos e quaisquer tipos de tecnologia ao seu corpo docente e discente, buscando um ensino e uma aprendizagem que permitam ao profissional atuar no mercado de trabalho de forma segura e competente.

E como lembra Guimarães (1997), “o desenvolvimento da profissão bibliotecária pressupõe dois fatores interagentes, não só o desempenho profissional, como também, à sua formação educacional”. Desse modo, é fundamental lembrar que há, portanto, a necessidade imprescindível de uma base conceitual para a formação do bibliotecário, seja no âmbito da educação formal, seja no nível da educação continuada.

2.1 TECNOLOGIA DA INFORMAÇÃO

Em seu início, a computação era tida como um mecanismo que tornava possível automatizar determinadas tarefas em grandes empresas e nos meios governamentais. Com o avanço tecnológico, as "máquinas gigantes" começaram a perder espaço para equipamentos cada vez menores e mais poderosos. A evolução das telecomunicações permitiu que, aos poucos, que os computadores passassem a se comunicar. Como consequência, tais máquinas deixaram de simplesmente automatizar tarefas e passaram a lidar com informação.

Os sistemas de informação baseados em computador utilizam a informática e as telecomunicações como instrumentos para melhorar a sua efetividade. As tecnologias empregadas melhoram a capacidade e a velocidade das funções de coleta, armazenamento, processamento e distribuição. Isto contribui para a melhoria da qualidade e da relação custo benefício da informação disponibilizada.

Atualmente, a informação é considerada um patrimônio, algo de valor. Não se trata de um monte de bytes aglomerados, mas sim de um conjunto de dados classificados e organizados de forma que um usuário ou uma empresa possa tirar proveito, sanando suas necessidades informacionais.

Sendo a informação um bem que agrega valor, é necessário fazer uso dos recursos de tecnologia da informação de maneira apropriada, ou seja, é preciso utilizar ferramentas, sistemas ou outros meios que façam das informações um diferencial para aqueles que necessitam dela.

As tecnologias da informação são definidas por Takahashi (2000), como compreendendo o conjunto de sistemas e equipamentos que são utilizados para tratamento, organização e disseminação de informações. Sendo que as aplicações das tecnologias da informação são múltiplas e perpassam as diferentes áreas do conhecimento.

Na atualidade, o conceito de tecnologias da informação é utilizado para expressar a convergência entre a informática e as telecomunicações. No entanto, o conceito de tecnologia da informação é mais abrangente do que os de processamento de dados, sistemas de informação, engenharia de software, informática ou o conjunto de hardware e software, pois também envolve aspectos humanos. Na verdade, as aplicações para tecnologia da informação são tantas, estão ligadas às mais diversas áreas, que existem várias definições e nenhuma consegue determiná-la por completo.

É um paradoxo pensar, mas o bibliotecário, sendo um profissional que lida com a informação desde os tempos mais remotos, não foi o primeiro a se apossar das novas tecnologias da informação, como poderia se esperar. Se o esse novo profissional da informação, almejado pela literatura, não estiver no comando do uso das novas máquinas, estará sem a possibilidade de indicar direções para ela.

Para Milanesi (2002, p. 31) isso ocorreu porque,

A popularização do computador ocorreu antes que as bibliotecas, com raras exceções descobrissem sua utilidade. [...] os bibliotecários não acreditavam, [...] que aquela máquina pudesse ter alguma utilidade, de modo que não houve expectativas positivas em relação à mesma, mas sim, indiferença e certa apreensão.

A tecnologia da informação esta presente de forma muito mais abrangente em todas as etapas do trabalho informacional do que pensava. Automatizar o acervo de uma biblioteca é hoje somente uma das facetas do emprego de tecnologia da informação nas práticas informacionais.

Lancaster (1994) divide o que ele chama de atividades da Biblioteconomia “afetadas pela tecnologia” em dois grandes grupos: as atividades de controle de inventário (circulação e serviços técnicos) e as de recuperação de assuntos.

Mas embora tenha sempre absorvido de maneira bastante evidente, porém não rápida, as tecnologias que se apresentam, é interessante lembrar as palavras de Barbosa (1998, p.53):

No momento em que se procura mensurar a crescente importância dos setores produtivos que lidam com a informação, em que se observa a contínua introdução das novas tecnologias de informação e se constata o desenvolvimento de [...] campos de informação irmãos (processamento de dados, sistemas de informação, ciência da computação, ciência da informação, inteligência artificial, multimídia etc.), é irônico observar que o papel das bibliotecas e dos bibliotecários esteja recentemente sendo colocado em xeque.

3 BIBLIOTECÁRIO OU PROFISSIONAL DA INFORMAÇÃO?

Desde o surgimento das bibliotecas até o período da Renascença os guardiões dos livros não tinham uma existência social como os bibliotecários que conhecemos hoje, eram sempre eruditos (sacerdotes ou figuras da elite) que viviam reclusos em suas bibliotecas e preocupados em salvar e copiar as obras dos acervos.

As bibliotecas da Antiguidade e da Idade Média não tinham como objetivo dar acesso ao grande público, pelo contrário, eram símbolos de poder e acúmulo de conhecimento para os poucos que tinham o privilégio de consultá-las. Isso nos retoma mais uma vez ao conhecido romance *O nome da rosa* de Umberto Eco, que nos apresenta um bibliotecário como um *guardião do saber*, no sentido pleno da expressão, isto é, guardava o conhecimento, não o transmitia.

Todavia, se as profissões se desenvolvem com respostas às necessidades sociais, então, a partir de meados do século XIX, sentiu-se a necessidade de haver um profissional com formação especializada e técnica, pois reconheceu que era uma profissão socialmente indispensável, eis que surge a figura do bibliotecário.

Tradicionalmente o trabalho bibliotecário é dividido entre os setores de processamento técnico, referência, desenvolvimento de coleções e administrativo. Essa divisão pode ser percebida nos currículos da graduação dos cursos de biblioteconomia, através de suas disciplinas tradicionais, como, classificação, catalogação, formação e desenvolvimento de acervo, e também as funções administrativas.

Mueller (1989) descreve o perfil profissional como “conjunto de conhecimentos, qualidades e competências próprias dos integrantes de uma profissão”, conceito que está ligado à questão de desempenho da função profissional. Em seu trabalho a autora reconhece que a discussão do perfil passa, necessariamente, pela formação profissional e que historicamente os bibliotecários são reconhecidos por algumas funções:

- a) função da preservação;
- b) função da educação;
- c) função do suporte ao estudo e à pesquisa.

Sendo a informação o verdadeiro objeto de trabalho do bibliotecário, não o livro. É importante trazer um importante conceito de informação, a ser destacado, que ela é vista como:

[...] estruturas simbolicamente significante, codificadas de forma socialmente decodificável e registradas (para garantir permanência no tempo e portabilidade no espaço) e que apresentam a competência de gerar conhecimento para o indivíduo e para o seu meio. Estas estruturas significantes são estocadas em função de um uso futuro, causando a institucionalização da informação. (SMIT; BARRETO, 2002, p. 21).

Mas, enganam-se aquelas pessoas que ainda vinculam o papel do bibliotecário àquele profissional tradicional cujo local de trabalho restringe-se a um balcão de biblioteca e a mera organização de seus livros nas prateleiras.

Segundo Andrade (2000, p. 150), os bibliotecários são profissionais responsáveis pela preservação e organização de acervos de bibliotecas e centros de documentação. Todavia, “com o surgimento de novas tecnologias da informação, a imagem de guardador de livros que era associada ao bibliotecário ficou para trás. Agora, por trás de um computador, ele ainda é o elo indispensável, entre o usuário e a informação” (ANDRADE, 2000, p. 150).

Para Milanesi (2002, p.8),

O bibliotecário até pouco tempo ainda manobrava o seu catálogo artesanal para traduzir o acervo localizado no espaço físico onde exercitava a sua precisão, disciplina e poder. Com a avalanche tecnológica que acelerou o relógio da humanidade a reciclagem passou a ser uma exigência indispensável aos profissionais que se querem atualizados. A tecnologia da informação centrada no computador, redes e periféricos não serviu, apenas, para acelerar os velhos processos, mas mudá-los.

Aos poucos a literatura da área de Biblioteconomia, vai substituindo a designação de “bibliotecário” para “profissional da informação”. A discussão sobre a identidade do profissional da informação passa a ser debatida.

É difícil encontrar nos textos atuais uma referência aos bibliotecários e seu modo de atuar, que não seja crítica e que não denigra, de algum modo, a forma como executa suas atividades, seu apego a valores “antigos”, sua “fixação” em normas e padrões, sua desatenção com as tecnologias e todos esses questionamentos que são comuns e em certo sentido estereotipados. É igualmente cada vez mais raro um texto que não exclua essa categoria profissional e apenas trate do “moderno profissional da informação” como o de Guimarães

(1997), servindo os bibliotecários apenas como paradigma de como não se deve trabalhar em relação à informação.

A questão da denominação e visão de um mercado mais amplo do que a biblioteca, é discutida na literatura (BAPTISTA, 1998). A designação de “bibliotecário” é criticada porque reduz sua possibilidade de ação. Outras designações surgem, por exemplo, “agente de informação”.

Almeida Júnior (2000) contabilizou oitenta e quatro diferentes nomes para o profissional da informação. Alguns exemplos, como, administrador da informação, analista da informação, biblioteconomista, cibertecário, cientista da informação, documentalista, gestor da informação, infomediário, mediador da informação, tecnólogo da informação, dentre outros.

Para Mueller (2004, p. 23),

O uso dos termos *profissões da informação* e *profissionais da informação* se tornou comum nas últimas décadas na literatura especializada, refletindo a compreensão que, na realidade atual, os serviços de informação apresentam enorme complexidade, demandando mais do que o trabalho isolado de qualquer profissão. Entretanto, o entendimento do significado exato dos termos não é claro em relação aos profissionais, trabalhos ou serviços a que se referem. Certamente, há um consenso de que certas características mínimas são comuns a todos os profissionais da informação, o que permite o uso da designação em diversos contextos, mas, o entendimento parece depender de quem usa o termo e da audiência à qual se dirige. Em geral, parece haver consenso que, entre os profissionais da informação estão os bibliotecários, os arquivistas, os mestres e doutores formados nos Programas de Pós-graduação em Ciência da Informação.

Diante dessa discussão entende-se que, contexto atual, marcado pela presença das tecnologias da informação, o termo bibliotecário restringe a atuação desse profissional ao âmbito das bibliotecas, na visão de muitas pessoas. O termo profissional da informação é mais abrangente.

A denominação profissional da informação tem causado grandes discussões e divergências em relação ao perfil do profissional e ao conceito que defina quem é/o que faz esse profissional. Segundo Barbosa (1998, p.53), “não há definição universalmente aceita a respeito do que constitui um profissional de informação”.

Além disso, parece fundamental que a formação destes profissionais que lidam basicamente com informação e conhecimento, os leve a adquirir uma consciência de sua importância, independente de sua denominação.

Pois o fato é que, neste novo ambiente informacional, o profissional da informação ou bibliotecário encontra-se diante de transformações muito relevantes, que

incidem diretamente no seu perfil e em sua prática profissional. Como, a mudança de conceitos sobre a postura assumida por ele, de intermediário e organizador da informação, para ser um disseminador, em decorrência da introdução das novas tecnologias da informação.

É inquestionável que as mudanças contextuais e globais colocam novos desafios aos bibliotecários. Seu perfil tem passado por sensíveis modificações e atualizações, que permitiram a ele deixar de conviver apenas com o cotidiano árduo da catalogação, classificação e organização de livros, para um universo bem maior, que envolve todo tipo de armazenamento de dados.

Como também é perceptível que a tecnologia modificou a forma de desempenhar as funções citadas por Mueller (1989), mas não muda a essência dessas atividades, pois se continua exercendo as funções de fornecer a informação e participar do aperfeiçoamento das pessoas que são atendidas nas suas buscas.

No entanto, a entrada das tecnologias da informação foi muito mais rápida que a possibilidade de preparação dos profissionais que já estavam no mercado de trabalho e, por outro lado, implicou na modificação dos currículos nas universidades, favorecendo o conhecimento da manipulação das ferramentas, cujos resultados, longo prazo, merecem e devem ser acompanhados.

Em tempos anteriores o bacharelado em Biblioteconomia depois de formado, pois uma vez habilitado, estaria apto a exercer suas funções. Contudo, no século XXI isto não é mais viável, desencadeando, portanto, uma nova ruptura que exige serviços destinados a especialistas, e outros, que atendem a um público heterogêneo. Deste modo, o profissional bibliotecário está diante de um público que vai exigir muito além da simples localização de um livro no acervo, tendo assim, sua função ampliada, saindo de seu cenário e práticas típicas e atuando em um cenário de elementos específicos, pensando e interagindo com o seu público, ou seja, com suas necessidades e expectativas.

Mas a complexidade dos serviços e produtos informacionais, assim como as características dos diferentes públicos, exige, cada vez mais, uma compreensão dessas novas tecnologias. Atualmente, os profissionais da informação, em especial os bibliotecários, já não podem mais ignorar a presença e a convivência com o computador e as tecnologias da informação.

Silva e Cunha (2002, p. 78) enfatizam que,

Nesta conjuntura, em que a mudança tecnológica é regra, buscar condições para ancorar a preparação do profissional do futuro requer uma estratégia diferenciada. Este profissional deverá interagir com máquinas sofisticadas e inteligentes [...]. Só a educação será capaz de preparar as pessoas para enfrentar os desafios dessa nova sociedade.

Essa nova dimensão da informação, aliada ao desenvolvimento tecnológico, desvincula a informação de espaços restritos e de monopólios profissionais, possibilita autonomia aos usuários e demanda uma nova postura dos bibliotecários que passam a ter seu campo de atuação ampliado e redimensionado.

As mudanças operadas pela inovação tecnológica nos setores de informática, de rede de computadores e de telecomunicações, vêm afetando a concepção tradicional de bibliotecas e, conseqüentemente, introduzindo mudanças na formação do bibliotecário, a fim de que este possa desempenhar melhor suas novas funções e fazer face aos desafios inerentes à Era da Informação.

De acordo com VIEIRA (1993, p. 111):

Alguns elementos podem ser apontados como determinantes da demanda por um novo profissional da informação para esse tempo de mudanças: novos tipos de usuários, novos assuntos interdisciplinares, novas tecnologias da informação e da comunicação, novas categorias de informação introduzidas pela associação da informática com os sistemas óticos, novos estilos de trabalho propiciados pela telemática, novas responsabilidades éticas no lidar com a informação, novos ambientes de trabalho marcados pela ergonomia.

A sociedade necessita, atualmente, de profissionais que acompanhem o avanço acelerado das tecnologias da informação, assim como as mudanças sociais, econômicas e políticas ocorridas nesta sociedade.

Para Milenesi (2002, p. 10),

Qualquer garoto da classe média domina bancos de dados simples enquanto o bibliotecário, atado ao seu antigo catálogo, torna-se anacrônico e frágil, sem mesmo sustentar a velha dignidade que o domínio das fichas lhe dava. O instrumento mais poderoso de armazenamento e organização das informações, o computador, ficou à margem do ensino da Biblioteconomia, afastando mais ainda o profissional do papel que dele se esperava na sociedade contemporânea. O bibliotecário viu o seu poder catalográfico ruir sem ter o que pôr no lugar. Esses fatos exigem que se repense a profissão e se procure um lugar para ela, mesmo que seja preciso recriá-la.

Atualmente, mudaram-se as formas de execução e organização do trabalho do bibliotecário, diante da intensificação das inovações tecnológicas. A tradicional matéria-prima do bibliotecário, o papel, vai sendo acrescida de novos suportes advindos da digitalização da informação, baseados em redes de computadores. Transmutados em textos, imagens e dados diversos arquivados em discos e memórias dos computadores. O trabalhador bibliotecário, já não manipula mais, somente papéis em seu cotidiano de trabalho, e a digitação de dados toma o lugar das anotações manuais ou mecânicas das informações.

3.1 BIBLIOTECÁRIO TRADICIONAL VERSUS BIBLIOTECÁRIO DAS TECNOLOGIAS

Segundo Eggert (1996), comenta-se muito sobre a passividade do bibliotecário tradicional, passividade esta encontrada no trabalho cotidiano realizado por esse profissional, mas também, presente no desinteresse pela necessidade de atualização profissional exigida pelo surgimento das novas tecnologias da informação. Tal fato fica mais evidente à medida que se observam as influências que essa profissão recebeu ao se desenvolver no Brasil, influências da biblioteconomia européia que já apregoava “uma formação tecnicista, generalista e operacional” (EGGERT, 1996, p. 47).

A imagem do profissional estava ligada à biblioteca, na condição de “aposeito que ou lugar onde se colocam livros; galeria, construção cheia de livros” (CHATIER, 1994, p. 70), mesmo que nela contivessem outros tipos de materiais.

Porém, Antônio (1991), afirma que essa imagem do profissional bibliotecário vem mudando e, inicia-se, pela percepção de que, com o uso das novas tecnologias da informação, o profissional dessa área passa de simples guardador e conservador de livros, com a função de zelar e organizar tais objetos nas estantes, para um importante gerenciador de informações e de conhecimentos tanto em bibliotecas quanto em outros diversos tipos de organização.

Surge assim, o perfil de um novo profissional da informação ligado à interdisciplinaridade, a especialização, ao conhecimento da teoria da informação e de técnicas e habilidades gerenciais, adaptabilidade em relação às novas transformações aos seus usuários, a preparação básica sólida, ao engajamento à pesquisa na sua área de atuação e com aguçadas habilidades intelectuais e de comunicação. Essas características encontram base nos dizeres de Antônio (1991, p. 80), quando destaca: “adaptabilidade, especialização e

capacidade intelectual são características fundamentais do agora chamado agente da informação”.

O surgimento desse novo perfil profissional está vinculado à necessidade de uma nova posição frente à biblioteconomia que teve suas atividades e meios de execução modificados pelo surgimento das novas tecnologias da informação. E essas tecnologias facilitam as atividades do profissional, trouxeram-lhe também “o desafio de transformar-se de figura estática e passiva em um profissional agressivo e dinâmico” (EGGERT, 1996, p.52). Que ao fazer uso das novas ferramentas de trabalho que o mercado lhe oferece, abre o leque para o surgimento de inéditos campos de atuação.

Assim, conforme Guimarães (1997), os novos profissionais de informação, diferentemente dos tradicionais, são todos aqueles que estão envolvidos com a atualização das novas tecnologias e dispostos a se adaptarem às constantes mudanças e inovações que cada vez estão surgindo na sua área de atuação.

Mas como lembra Blattmann e Fachin (1998), o acompanhamento das mudanças e principalmente a capacitação de novos profissionais da informação no mercado de trabalho tornaram-se o pesadelo de inúmeras instituições de ensino. Surgem questões sobre:

- a) como adquirir e quais equipamentos mínimos necessários para ensino e pesquisa?;
- b) quais os *softwares* mais específicos?;
- c) qual a relação de custo x benefício para as organizações?;
- d) qual a aplicação da informática no mercado existente?;
- e) qual o perfil do profissional a ser capacitado ao mercado de trabalho?

4 FORMAÇÃO ACADÊMICA EM BIBLIOTECONOMIA NO BRASIL

Em relação à formação do bibliotecário, viu-se, a partir do século XIX, o desenvolvimento de dois modelos distintos de ensino e formação em Biblioteconomia: o francês (mais humanístico) e o norte-americano (mais pragmático e tecnicista).

O ícone do modelo francês foi a *École de Chartres*, escola de nível superior que formou bibliotecários durante todo o século XIX, passando pela mesma formação reservada aos arquivistas, paleógrafos e arqueólogos, acentuando a sua base na cultura geral.

Mas nos Estados Unidos, já havia movimentos, desde 1876, em direção a um reforço maior na formação técnica dos bibliotecários, como publicações voltadas para bibliotecários e articulação para a criação de cursos de formação. Neste ano, a *American Library Association* é fundada. Melvil Dewey consegue formar, em 1887, a primeira turma de sua *School of Library Economy*, dentro da Columbia University, onde todas as técnicas profissionais eram ensinadas em apenas quatro meses.

A formação acadêmica em biblioteconomia no Brasil data do início do século XX (CASTRO, 2000). De 1911 até os anos 40 foram criados quarenta e dois cursos, dos quais alguns desapareceram, outros surgiram nos anos posteriores, abrangendo 20 Estados e o Distrito Federal.

O desenvolvimento dos cursos de biblioteconomia no Brasil inicialmente sofreu influências do modelo humanista francês, entretanto, em fins da década de trinta do século XX, já manifestava forte tendência à adoção do paradigma pragmático norte-americano, e que teve sua consolidação nos anos sessenta.

Os primeiros cursos de Biblioteconomia brasileiros têm premissas diferenciadas. Segundo Dias (1956), o ano de 1911 assinalou a criação do primeiro curso de Biblioteconomia no Brasil (Decreto nº 8.835, de 11 de julho de 1911) dentro da estrutura administrativa da Biblioteca Nacional. Do currículo deste curso constavam as disciplinas bibliografia, paleografia, diplomática, iconografia e numismática. Este currículo foi influenciado pela "École des Chartes", predominando, assim, a influência francesa na formação dos primeiros bibliotecários brasileiros. O estudo de diversos currículos do curso da Biblioteca Nacional, até 1944, demonstrou a formação de um profissional voltado, principalmente, para as necessidades de coleta e processamento de informação daquela biblioteca. Esta primeira geração de bibliotecários foi constituída por profissionais eruditos, preocupados com problemas de cultura, com a preservação e guarda de documentos, que era e

é, aliás, uma das funções básicas da Biblioteca Nacional, como a guardiã da memória nacional.

Somente na década de 60, é que a profissão de bibliotecário passa a ser reconhecida oficialmente como de nível superior, mas precisamente o reconhecimento legal da profissão se deu em 1962 com a aprovação da Lei n° 4.084 dispoendo sobre o exercício da profissão de bibliotecário e que ainda está em plena vigência. Sendo que em 1998, foi promulgada a Lei n° 9.674, trazendo complementações à Lei n° 4084.

Neste mesmo ano, 1962, foi quando o primeiro currículo foi implantado, e caracterizava-se pela união de influências francesa e norte-americana, esta segunda enfatizando a formação técnica do profissional. Trata-se do curso do Instituto Mackenzie que é influenciado pela visão pragmática e tecnicista americana.

Como resultado surge perfis diferenciados no mercado de trabalho no eixo Rio e São Paulo. O profissional egresso do curso da Biblioteca era um erudito-guardião e o de São Paulo um técnico (CASTRO, 2002).

A preocupação brasileira, em termos institucionalizados, no tocante à formação do profissional na área de biblioteconomia, ganhou efetivo vulto a partir da criação da Associação Brasileira de Ensino de Biblioteconomia e Documentação (ABEBD), em 1967, voltada para a discussão dos rumos do ensino de biblioteconomia no país. Atualmente, chamada de Associação Brasileira de Educação em Ciência da Informação (ABECIN).

Nos anos 90, com o crescimento editorial e com o avanço das novas tecnologias da informação e comunicação, a realidade começa a mudar de forma radical, constante e rápida. Os processos tecnológicos, a globalização, dentre outras transformações, levam a repensar se o perfil do bibliotecário estabelecido, até então, responde às novas exigências da sociedade.

Há outros estudos sobre o ensino de Biblioteconomia no Brasil, incluindo o de Castro (2000, p. 23), que utiliza a definição de Población que reconhece quatro fases distintas:

[...] formação humanista (1915-1928); pragmatismo americano (1929-1969); ufanismo nacionalista caracterizado pelo crescimento qualitativo [sic] (quantitativo) das escolas (1970-1985); estabilização do crescimento quantitativo das escolas e início do período de reflexão, objetivando a avaliação qualitativa do ensino ministrado em nível de graduação (1986-).

Recentemente, Rodrigues (2002), em estudo sobre a formação dos profissionais da informação nesse novo ambiente, ainda ressalta o caráter técnico da formação, mas já constata um movimento que tenta minimizar e/ou romper com a massificação técnica dos

profissionais, evidenciando a importância da pesquisa nas universidades, com intuito de enriquecer o perfil dos profissionais por ela formados.

Os estudos desenvolvidos pela Associação Brasileira de Educação em Ciência da Informação (ABECIN) 2001 e 2002, relativas ao processo de formação de profissionais da informação são bastante abrangentes em termos de diretrizes. Mas enfoca pontos estratégicos na concepção dos currículos e que incluem questões como a necessidade de adequar as proposições ao contexto, aos valores da sociedade no quais os cursos de graduação estão inseridos. Assim como reforça que o projeto pedagógico dos cursos reflete a construção de sua identidade, que em última instância refletir-se-á na identidade profissional dos egressos dos cursos.

Guimarães (2004, p. 91) refletindo sobre a formação profissional no, conforme sua denominação, “ambiente educativo da área de informação”, identifica, no caso brasileiro, duas dimensões que são: o conjunto de fazeres “ligados à ambiência, como é o caso do arquivo e da biblioteca” e “conjuntos de processos que atuam em dois níveis”, sendo um do documento materialmente considerado e outro da informação como conjunto de estruturas significantes com capacidade de gerar conhecimento para o indivíduo e para a sociedade.

É importante considerar também as dificuldades de renovação de quadros e a diminuição dos recursos para treinamento de professores nas Universidades brasileiras. E ressaltar que o corpo docente por muitos anos foi formado a partir de seleção de bons profissionais, sem preparo didático, que tinham apenas conhecimentos práticos, obtidos a partir de suas realidades de trabalho, que quase sempre não estava em consonância evolução do mundo da informação.

Esses cortes refletem, provavelmente, a evolução da formação profissional dos bibliotecários em relação às demandas e necessidades dos mercados e decorrentes do uso maciço das tecnologias no cotidiano dos serviços e sistemas de informação. As discussões sobre currículos sempre estiveram centradas na questão da cultura versus técnica.

Atualmente existem no Brasil 39 cursos de Biblioteconomia e/ou Ciência da Informação entre universidades federais e particulares (fonte: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais – INEP), distribuídos por todas as regiões do Brasil.

As Diretrizes Curriculares do Ministério da Educação e Cultura (MEC), atualmente, atribuem às escolas a responsabilidade de definir o currículo. Mas, não foi sempre assim.

4.1 DIRETRIZES CURRICULARES DOS CURSOS DE BIBLIOTECONOMIA NO BRASIL

Em relação ao Brasil, a estrutura curricular que os cursos seguiam, até bem pouco tempo, seguia um modelo nacional, muito criticado pelas instituições de ensino superior, coordenado pelo Ministério da Educação, denominado, “currículo mínimo”. Essa estrutura que vigorava no país não permitia mudanças radicais nos conteúdos ministrados, pois tinha de obedecer a uma organização básica formada por três grandes matérias e suas subdivisões, bem como seguia o sistema educacional brasileiro, muito burocrático, inviabilizando mudanças rápidas e profundas na estrutura curricular.

Em 1996, com a publicação da Lei nº9.394 que dispõe sobre as Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB). Para Guimarães (2000, p. 62),

Nesse contexto, pode-se dizer que o legislador inovou ao trabalhar com a idéia de diretrizes curriculares ao invés dos então currículos mínimos, revelando uma preocupação com elementos norteadores de natureza mais abrangente, respeitando as distintas realidades e concepções das instituições de ensino superior.

Para que esse profissional alcance seus objetivos, o Ministério da Educação (2001) estabelece diretrizes curriculares que devem ser seguidas e ampliadas pelas instituições de ensino superior nos projetos pedagógicos dos cursos. Estas diretrizes indicam competências e habilidades, de caráter comum e específico, que devem ser desenvolvidas durante a formação do profissional.

Após 2001, o Ministério da Educação deixou para cada instituição de ensino a responsabilidade de definir o currículo específico, além do que as mesmas terão o dever social e político de discutir com a categoria profissional. Conforme orientação do Parecer CNE/CES (Câmara de Educação Superior do Conselho Nacional de Educação) 67, de 11 de março de 2003, eliminou-se a exigência de currículos mínimos nacionais.

Entretanto, neste processo de formação profissional, relacionado às tecnologias da informação, é difícil imaginar que os conteúdos dos cursos não sejam modificados constantemente em função da emergência de novas soluções e aplicações.

Nesse mesmo sentido, é bom lembrar as relatoras das Diretrizes Curriculares Nacionais da Biblioteconomia, Durham, Weber e Figueiredo (2001), tratando especificamente da Biblioteconomia, definiram que os conteúdos de formação específica, como aqueles

relacionados, entre outros, com as Tecnologias da informação, não devem ser enfatizados em detrimento da “[...] adoção de uma perspectiva humanística [...]”, de tal forma que fosse resguardado “[...] um sentido social e cultural que ultrapasse os aspectos utilitários mais imediatos sugeridos por determinados itens”.

Santos (2002, p. 107) ressalta que,

É de extrema importância ressaltar que, no momento atual, os cursos de Biblioteconomia não podem se perder no uso indiscriminado e alienado de recursos tecnológicos, preocupando-se apenas em apresentá-los em sala de aula e relacioná-los com todos os tipos de bibliotecas. Estes cursos devem preocupar-se com modos de instrumentalizar os alunos para que possam utilizar e selecionar as tecnologias para melhor trabalharem com as informações.

As mudanças cada vez mais aceleradas e as sucessivas discussões geradas acerca do perfil do profissional bibliotecário, vêm explicar algumas reformas curriculares ocorridas no país nos últimos anos, em busca de um perfil em consonância com as necessidades do mercado. “Se muda o contexto e o profissional, ilusório seria pensar na imutabilidade dos padrões de formação deste último” (GUIMARÃES, 2000, p. 55).

Guimarães (1997) já apontava algumas sugestões no que tange as reformulações curriculares para o ensino de graduação de biblioteconomia, dentre elas, mo convívio diário com tecnologias da informação.

As escolas de Biblioteconomia e Ciência da Informação brasileiras encontram-se, reestruturando seus currículos em decorrência das evoluções tecnológicas e das novas diretrizes curriculares. De acordo com Guimarães (2004, p. 94),

Nesse contexto, pode-se afirmar que o grande desafio das instâncias formadoras do profissional da informação reside em trabalhar pedagogicamente o uso estratégico das tecnologias em informação, de modo a propiciar ao educando um processo de contínua reflexão que, indo além do simples uso dos recursos tecnológicos, possa conduzir à análise, avaliação e seleção dos mesmos, tendo em vista os objetivos profissionais e científicos almejados.

Pensar em currículo é buscar permanentemente a interdisciplinaridade, devido à velocidade com que as mudanças estão ocorrendo e o novo rumo previsto nesse próximo milênio que se aproxima com a intensidade da inovação, da transformação, da integração de áreas, formação de equipes de alto desempenho e minimização sempre maior do trabalho isolado.

Valentim (2000, p. 8) afirma que,

Atualmente, as estruturas dos cursos estão, na sua maioria, direcionadas para o paradigma da informação, buscando um profissional dinâmico e competitivo que de fato atenda os anseios da sociedade brasileira. No entanto, apesar de a formação estar apoiada no paradigma da informação, a maioria dos cursos ainda evidencia mais a formação técnica do que a formação humanista. De qualquer forma, é importante que os cursos formadores procurem ministrar conteúdos, quer estejam revestidos de uma formação técnica, quer estejam revestidos de uma formação humanista, voltados para este paradigma, ou seja, o da informação. Isto requer um exercício de *vision* constante, por parte dos formadores, fazendo um trabalho sintonizado e em equipe, com o objetivo de obter no final do curso um profissional que pense e atue nesse paradigma.

O papel do ensino de graduação deve ser o de, essencialmente, instrumentalizar o estudante com as técnicas e ferramentas básicas de sobrevivência no meio profissional, especialmente, aquelas que lhe garantam habilidades para adaptar-se a transitoriedade, promover a inovação e utilizar-se da diversidade (SOUZA, 1998, p. 4).

Guimarães (1997, p. 6) ressalta que,

Desnecessário lembrar que o currículo se constitui, em última análise, em um meio para a operacionalização de uma concepção educacional (esta sim, o âmago da questão), visando à formação de determinado profissional. Um conjunto de disciplinas constitui-se, assim, em uma ferramenta e não um fim em si mesmo.

Nesta perspectiva, a universidade deverá subsidiar a formação deste profissional, proporcionando ao mesmo, o aprendizado e desenvolvimento de competências e habilidades imprescindíveis a uma atuação profissional mais segura e consistente.

Valentim (2002, p. 118) salienta que,

Falar sobre as competências e habilidades necessárias ao profissional da informação exige uma reflexão sobre especificidades da cada região do país e sua relação com as demandas sociais existentes. Essa reflexão deve nortear a construção do projeto político-pedagógico de cada curso, bem como a flexibilização da formação na área.

A formação desse profissional da informação deve, portanto, refletir essas questões. Guimarães (2002) entende que é por meio da melhor formação do profissional da informação que se poderá obter um maior reconhecimento profissional por parte da sociedade; esta melhor formação deve ser promovida através de investimentos das universidades e das instituições formadoras em uma dimensão investigativa, para que dela possam resultar conhecimentos teóricos e práticos (metodologias, aplicações) para que a coletividade possa ver e reconhecer o esforço da área e entender a atuação dos profissionais

da informação. Sem essa iniciativa, o autor entende que a formação se vincula basicamente a reprodução de conhecimento.

Contudo, isto só não basta, a atualização e a educação continuada são fundamentais no âmbito dos profissionais da informação, exigindo uma visão estratégica e uma compreensão de mundo mais aguçada. O que significa despedir-se de velhas práticas e métodos de trabalho.

A formação obtida na graduação é absolutamente necessária para a construção do alicerce profissional. Todavia a educação continuada possibilita ao bibliotecário adquirir o aperfeiçoamento necessário para seu crescimento, renovando os conhecimentos e especializando-se na área de seu maior interesse e/ou atuação. Valentim (1998, p. 114) afirma que “é necessário expressar a importância da formação, bem como da atualização continuada do profissional, para que ele seja e esteja no novo paradigma da informação”.

4.1.1 Disciplinas de tecnologia da informação

Os novos meios informacionais, e de comunicação e, em especial, a informática, permitem a Biblioteconomia disponibilizar seus serviços de maneira prática, ágil e eficiente. No entanto, parece que essas tecnologias ainda não estão sendo utilizadas de forma estratégica e eficiente nas Unidades de Informação. Em geral, as estruturas curriculares dos cursos de Biblioteconomia oferecem carga horária reduzida sobre esse assunto, cabendo ao estudante buscar aprofundar os seus conhecimentos em informática, se deseja ser um profissional diferenciado.

Milanesi (2002) salienta que

Durante décadas, o ensino da Biblioteconomia dividia as disciplinas entre "técnicas" e "culturais". Há duas hipóteses para explicar essa situação. A primeira indica que, ao sair de um simples treinamento para entrar na esfera do ensino superior, os cursos, precisando de um perfil superior, inclusive para atingir o número de horas regulamentares que as universidades, pela legislação, exigiam, receberam o recheio de disciplinas como "Evolução do Pensamento Filosófico e Científico". A Segunda explicação aponta para um sincero desejo de obrigar o futuro bibliotecário a tomar conhecimento das disciplinas de caráter humanístico como a Filosofia e a História, uma vez que isso seria fundamental para o exercício da profissão.

O resultado foi uma justaposição de disciplinas isoladas, entre as quais não seria possível construir pontes. A biblioteconomia não ultrapassava o treinamento para execução de tarefas rotineiras das bibliotecas. O resultado foi que mesmo na universidade, permanecendo um curso técnico por muitos anos.

A Biblioteconomia nos mostra atualmente, que está trabalhando com suportes informacionais convencionais e não convencionais e que profissionais anacrônicos estão perdendo espaço nessa Sociedade da Informação. As escolas de Biblioteconomia têm pouca experiência em ensinar assuntos de cunho tecnológico, os currículos tradicionalmente enfatizam as humanidades.

Ainda de acordo com McCarthy, (1989, p. 18), "os computadores oferecem aos bibliotecários a possibilidade de atualizar a imagem da sua profissão e das suas instituições". A implantação da tecnologia do futuro oferece carreiras cheias de desafios, mas as oportunidades douradas serão reservadas aos profissionais da informação com base, tanto em informática, como em Biblioteconomia. Afinal, a informação não está apenas no livro tradicional, mas também nos sites da Web etc., e o bibliotecário, como profissional da informação, precisam dominar as ferramentas do computador, para gerenciar a informação eletrônica.

Marcondes (1998, p. 73) coloca que,

A formação profissional através das disciplinas que correspondem a essas atividades deve também refletir a realidade dessas práticas. Conteúdos de tecnologia da informação deveriam estar presentes nas mais diferentes disciplinas da formação do profissional de informação, onde quer que elas sejam usadas como meio para otimizar e potencializar melhores práticas bibliotecárias. É claro que isso implica também em um trabalho de reciclagem dos professores. O enfoque deve ser alterado da automação de bibliotecas como um momento singular e excepcional da vida das instituições de informação para um enfoque abrangente das tecnologias da informação, centrado nos usuários, nas suas necessidades e no potencial das tecnologias de informação como meio de viabilizar novos e melhores serviços e produtos.

Todavia, não se pode esquecer que, de qualquer forma, a base humanística é imprescindível em qualquer situação.

5 MUDANÇAS NO PERFIL E NO MERCADO DE TRABALHO DO BIBLIOTECÁRIO

No processo de desenvolvimento da profissão de bibliotecário no Brasil, é importante destacar que cada mudança sofrida ocorre num determinado contexto sócio-político e cultural. No caso do mercado de trabalho do bibliotecário, por exemplo, é inquestionável que tenham surgido mudanças no seu fazer profissional ocasionadas pelos impactos das novas tecnologias.

A adoção destas novas ferramentas tem colocado sistematicamente desafios na formação acadêmica oferecida atualmente nos cursos de Biblioteconomia, bem como na constante necessidade e premência da busca da educação continuada com a finalidade de atualização permanente. Silva e Cunha (2002) estabelecem que os novos perfis profissionais privilegiem a criatividade, interatividade, flexibilidade e aprendizado contínuo.

Os profissionais da informação ou bibliotecários estão sendo interpelados a reafirmar sua importância e seu valor para o mundo do trabalho, em meio à transição para um novo modelo organizacional.

Segundo Arruda (2000, p. 18).

As alterações no perfil profissional não se restringem ao âmbito da qualificação profissional e da gestão do trabalho, mas abrangem o conteúdo e a forma como o trabalho é realizado, como o trabalhador se relaciona e se socializa no ambiente de trabalho. Atingem a subjetividade do sujeito, invadindo seu espaço social, seu comportamento individual e coletivo. Necessita-se de um profissional flexível, apto a atuar em situações de trabalho diferenciadas e a mobilizar seu conhecimento em prol da organização.

No exercício profissional, uma das grandes forças é o mercado. As instituições formadoras e, principalmente, os alunos sempre ficaram atentos a ele. A necessidade do bibliotecário se adequar às novas exigências tem sido muito acentuada, principalmente pelas cobranças que sofre da sociedade e, também, em decorrência de suas dificuldades em colocar-se de maneira mais efetiva no mercado, valorizando o seu fazer e o seu saber profissional. As possibilidades que as alterações no mercado de trabalho oferecem é uma recorrência natural em muitas profissões, inclusive na biblioteconomia.

Guimarães (1997) alerta para alguns aspectos que nos parece de maior importância quando diz:

Novos mercados profissionais surgem. Se antes a atividade do bibliotecário poderia ficar restrita aos limites físicos de uma biblioteca e de uma coleção, agora o uso difundido da tecnologia a serviço da informação transpõe barreiras físicas e institucionais.

A nova divisão do trabalho reflete uma reestruturação do processo produtivo, no qual novos postos e perfis profissionais são exigidos. Para que isso seja conseguido é necessário que o próprio bibliotecário tome consciência desses avanços, e se repositicione profissionalmente, buscando aumentar sua capacidade de aprender e sua sensibilidade para captar mudanças.

Carvalho (2002) afirma que,

[...] a situação exige alguns ajustes para moldar um profissional que apreenda o sistema de informação de forma estratégica, com um olhar plural, multifacetado para enfrentar um novo modelo de empregabilidade cujas tendências influenciam as relações [...]

A exigência de “mudança” e “renovação”, nas qualidades profissionais do bibliotecário é imposta pela modernização de suas funções, com tecnologias da informação recentes e em transformação, além de usuários cada vez mais rigorosos na qualidade da informação.

Esse é um problema a ser enfrentado pelos bibliotecários. Vale frisar que, em outras áreas, como Direito, Medicina, Engenharia, dentre outras, as novas tecnologias também trouxeram reflexos na atuação dos seus profissionais, com a utilização de equipamentos cada vez mais modernos e informatizados, entretanto, eles continuam sendo reconhecidos como advogados, médicos e engenheiros.

Aos profissionais da área da informação cabe, então, interagir e agregar valor aos processos de geração, análise, controle, acesso e utilização de informações e documentos, em todo e qualquer ambiente, conscientes da importância dos mesmos para a atuação em empreendimentos, serviços e produtos de informação. Com vistas ao desenvolvimento sócio-econômico, político e cultural da humanidade, acompanhando suas transformações.

6 METODOLOGIA

O objetivo fundamental da ciência é chegar à veracidade dos fatos por meio de um método que permita atingir determinado conhecimento. Define-se método como "o caminho para se chegar a determinado fim. E método científico como o conjunto de procedimentos intelectuais e técnicos adotados para se atingir o conhecimento." (GIL, 1999).

A pesquisa pode ser definida como o procedimento racional e sistemático que tem como objetivo proporcionar respostas aos problemas que são propostos [...]. A pesquisa é desenvolvida mediante o concurso dos conhecimentos disponíveis e a utilização cuidadosa de métodos, técnicas e outros procedimentos científicos (GIL, 1999).

O presente trabalho trata-se de uma pesquisa de caráter exploratório e descritivo, cujo propósito foi verificar o que literatura especializada tem apresentado sobre o tema da formação acadêmica e profissional do bibliotecário, relacionadas às tecnologias da informação, enfocando, especificamente a incorporação de disciplinas de tecnologias da informação, nos currículos das instituições de ensino superior de biblioteconomia no Brasil.

A pesquisa deu-se inicialmente, a partir do levantamento de fontes bibliográficas acerca do tema posposto neste trabalho, formação do bibliotecário e tecnologia da informação. No segundo momento, foi efetuado o levantamento das instituições de ensino superior, que possuem graduação em biblioteconomia e/ou ciência da informação no Brasil, por conseguinte, em que tipos de instituição ensino estão sendo oferecidos, e também em que regiões do país de concentram esses cursos. Posteriormente, foi feita uma pesquisa em todos os sites dessas instituições, com vistas a obter informações sobre suas estruturas curriculares, para verificar a existência de disciplinas voltadas para as tecnologias da informação em suas grades curriculares.

O tipo de pesquisa utilizada é a qualitativa com abordagem descritivo-comparativa. Segundo Triviños (1990), a pesquisa qualitativa permite analisar os aspectos implícitos ao desenvolvimento das práticas organizacionais, e a abordagem descritivo-comparativa é praticada quando o que se pretende buscar é o conhecimento de determinadas informações e por ser um método capaz de descrever com exatidão os fatos e fenômenos de determinada realidade.

6.1 INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS

Os instrumentos utilizados para o desenvolvimento deste estudo de caso são: pesquisa bibliográfica e documental.

A pesquisa bibliográfica, ou de fontes secundárias, abrange toda bibliografia já tornada pública em relação ao tema de estudo, desde publicações avulsas, boletins, jornais, revistas, livros, pesquisas, monografias, teses, material cartográfico etc., até meios de ação orais: rádio, gravações em fita magnética e audiovisuais. Sua finalidade é colocar o pesquisador em contato direto com tudo o que foi escrito, dito ou filmado sobre determinado assunto, inclusive conferências seguidas debates que tenham sido transcritos por alguma forma, quer publicadas, quer gravadas (LAKATOS; MARCONI, 2001).

A pesquisa documental assemelha-se muito à pesquisa bibliográfica. A pesquisa bibliográfica utiliza-se fundamentalmente das contribuições dos diversos autores sobre determinado assunto, enquanto a pesquisa documental utiliza-se de materiais que não receberam tratamento analítico. As fontes de pesquisa documental são mais diversificadas e dispersas do que as da pesquisa bibliográfica. Conforme Gil (1999), na pesquisa documental existem os documentos de primeira mão, ou seja, aqueles que não receberam nenhum tratamento analítico tais como os documentos conservados em órgãos públicos e instituições privadas, e os documentos de segunda mão que de alguma forma já foram analisados tais como: relatórios de pesquisa; relatórios de empresas; tabelas estatísticas e outros.

Para Lüdke e André (1986, p. 38), "a análise documental pode se constituir numa técnica valiosa de abordagem de dados qualitativos, seja complementando as informações obtidas por outras técnicas, seja desvelando aspectos novos de um tema ou problema".

6.2 ANÁLISE DOS DADOS

A abordagem comparativa, conforme Lakatos e Marconi (2001) permite analisar dados concretos, deduzindo dos mesmos os elementos constantes, abstratos e gerais. Esta abordagem, segundo Gil (1994), é muito utilizada em pesquisas no campo das ciências sociais, possibilitando comparar e ressaltar diferenças e similaridades, consistindo em levantar dados e informações embasados em bibliografia especializada sobre conceitos teóricos e em documentos que relatam um caso específico.

7 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Primeiramente, verificou-se o que literatura especializada tem apresentado sobre o tema da formação acadêmica e profissional do bibliotecário, relacionadas às tecnologias da informação, por meio de uma revisão da literatura básica, que incluiu a leitura dos textos e artigos relacionados na bibliografia do trabalho, e até materiais bibliográficos mais recentes sobre o tema já mencionado. Tal revisão serviu de eixo para a orientação das pesquisas seguintes.

Depois, levantou-se todos os cursos de graduação em biblioteconomia e/ou ciência da informação existentes no Brasil, e em que tipos de instituição de ensino estão sendo oferecidos, e também em que regiões do país de concentram esses cursos. Nos dados encontrados constam que existem atualmente no Brasil 39 cursos de Biblioteconomia e/ou Ciência da Informação entre as instituições de ensino superior (fonte: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais – INEP). Conforme, demonstrado no Quadro 1.

QUADRO 1 - Instituições que possuem biblioteconomia e/ou ciência da informação no Brasil.

DENOMINAÇÃO	INSTITUIÇÃO	CIDADE/ESTADO
BIBLIOTECONOMIA	FACULDADES INTEGRADAS TERESA D'ÁVILA - FATEA	LORENA-SP
BIBLIOTECONOMIA	UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA JÚLIO DE MESQUITA FILHO - UNESP	MARÍLIA-SP
BIBLIOTECONOMIA	UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE - UFRN	NATAL-RN
BIBLIOTECONOMIA	UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL - UFRGS	PORTO ALEGRE-RS
BIBLIOTECONOMIA	FACULDADES INTEGRADAS CORAÇÃO DE JESUS - FAINC	SANTO ANDRÉ-SP
BIBLIOTECONOMIA	UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA - UFPB	JOÃO PESSOA-PB
BIBLIOTECONOMIA	FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE DO ESTADO DE SANTA CATARINA - UDESC	FLORIANÓPOLIS-SC
BIBLIOTECONOMIA	UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO - USP	SÃO PAULO-SP
BIBLIOTECONOMIA	CENTRO UNIVERSITÁRIO DE FORMIGA - UNIFORMG	FORMIGA-MG

BIBLIOTECONOMIA	UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS - UFG	GOIÂNIA-GO
BIBLIOTECONOMIA	UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA - UFSC	FLORIANÓPOLIS-SC
BIBLIOTECONOMIA	UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO - UFMA	SÃO LUÍS-MA
BIBLIOTECONOMIA	UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA - UNB	BRASÍLIA-DF
BIBLIOTECONOMIA	UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS - UFAL	MACEIÓ-AL
BIBLIOTECONOMIA	FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE - FURG	RIO GRANDE-RS
BIBLIOTECONOMIA	UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ - UFC	FORTALEZA-CE
BIBLIOTECONOMIA	UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS - UFMG	BELO HORIZONTE-MG
BIBLIOTECONOMIA	UNIVERSIDADE SANTA ÚRSULA - USU	RIO DE JANEIRO-RJ
BIBLIOTECONOMIA	UNIVERSIDADE ESTADUAL DE LONDRINA - UEL	LONDRINA-PR
BIBLIOTECONOMIA	UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO - UFMT	RONDONÓPOLIS-MT
BIBLIOTECONOMIA	UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS - UFAM	MANAUS-AM
BIBLIOTECONOMIA	UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO - UNIRIO	RIO DE JANEIRO-RJ
BIBLIOTECONOMIA	UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO - UFES	VITÓRIA-ES
BIBLIOTECONOMIA	UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO - UFPE	RECIFE-PE
BIBLIOTECONOMIA	INSTITUTO DE ENSINO SUPERIOR DA FUNLEC - IESF	CAMPO GRANDE-MS
BIBLIOTECONOMIA	ESCOLA SUPERIOR DE ENSINO ANÍSIO TEIXEIRA - CESAT	SERRA-ES
BIBLIOTECONOMIA	PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE CAMPINAS - PUC-CAMPINAS	CAMPINAS-SP
BIBLIOTECONOMIA	UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PIAUÍ - UESPI	TERESINA-PI
BIBLIOTECONOMIA	INSTITUTO MANCHESTER PAULISTA DE ENSINO SUPERIOR - IMAPES	SOROCABA-SP
BIBLIOTECONOMIA	FACULDADE DE CIÊNCIAS DA INFORMAÇÃO DE CARATINGA - FCIC	CARATINGA-MG

BIBLIOTECONOMIA	CENTRO UNIVERSITÁRIO ASSUNÇÃO - UNIFAI	SÃO PAULO-SP
BIBLIOTECONOMIA	UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ – UFC	JUAZEIRO DO NORTE-CE
BIBLIOTECONOMIA	UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ - UFPA	BELÉM-PA
BIBLIOTECONOMIA E CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO	FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO - FABCI	SÃO PAULO-SP
BIBLIOTECONOMIA E CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO	UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS - UFSCAR	SÃO CARLOS-SP
BIBLIOTECONOMIA E DOCUMENTAÇÃO	UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE - UFF	NITERÓI-RJ
BIBLIOTECONOMIA E DOCUMENTAÇÃO	PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO PARANÁ - PUCPR	CURITIBA-PR
BIBLIOTECONOMIA E DOCUMENTAÇÃO	UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA - UFBA	SALVADOR-BA
BIBLIOTECONOMIA E GESTÃO DE UNIDADES DE INFORMAÇÃO	UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO - UFRJ	RIO DE JANEIRO-RJ

Fonte: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais (INEP). Disponível em: <<http://www.educacaosuperior.inep.gov.br/>>. Acesso em: 20 set. 2007.

Os 39 cursos existentes no Brasil estão distribuídos da seguinte forma, se concentrando, principalmente, nas instituições de ensino superior federais, conforme demonstrado no gráfico 1:

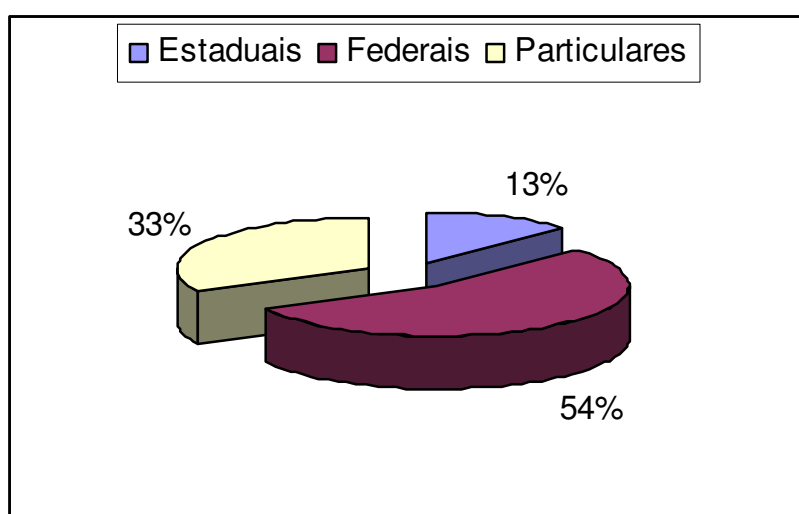


GRÁFICO 1 - Cursos de Biblioteconomia por tipo de instituição de ensino no Brasil

No entanto, a distribuição destes cursos de acordo com as regiões do Brasil é feita de forma irregular, se concentrado primordialmente na região Sudeste, conforme demonstrado no gráfico 2:

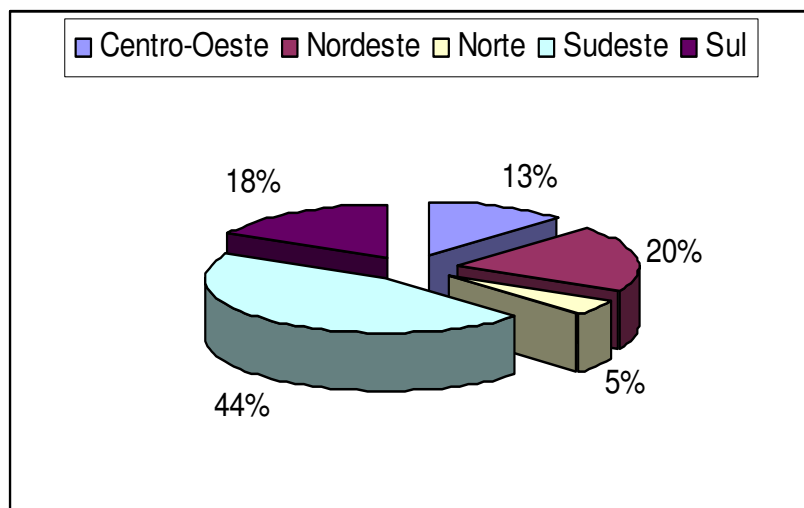


GRÁFICO 2 - Distribuição de cursos de Biblioteconomia por região do Brasil

Estando de posse dos dados dos cursos, efetuou-se um levantamento em todos os sites das instituições de ensino superior, que oferecem graduação em biblioteconomia e/ou ciência da informação no Brasil, visando detectar inicialmente a existência de disciplinas voltadas para as tecnologias da informação em suas grades curriculares, posteriormente, buscou-se verificar a adequação dessas disciplinas no contexto atual, da dinâmica do mundo da informação. O que pode observar é que pouco mais da metade dos cursos de biblioteconomia, disponibilizam seus currículos nos sites de suas instituições de ensino ou qualquer outro tipo de informação relacionada a eles. Conforme demonstrado no gráfico 3:

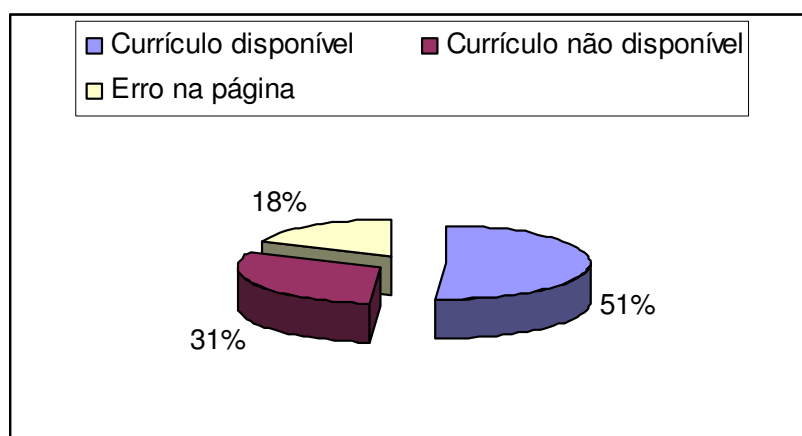


GRÁFICO 3 - Escolas de Biblioteconomia que disponibilizam o currículo on-line

De acordo com as respostas obtidas, no último levantamento mencionado, pode-se apurar que, a grande maioria das instituições de ensino continua vinculada a uma estrutura curricular rígida, como as praticadas na época da exigência dos currículos mínimos. Ficando atrelada as disciplinas canônicas da biblioteconomia, como, classificação e catalogação. Enquanto que, segundo Milanesi (2002, p. 22), “as mudanças tecnológicas provocaram uma série de abalos na antiga e sólida base de regras e procedimentos manuais da Biblioteconomia. Um deles pôs por terra uma das bases da profissão: a catalogação e a classificação”.

Em contra partida, a essa prática curricular, a literatura especializada da área de biblioteconomia, caminha na direção aposta, tentando eliminar esses estigmas seculares da profissão do bibliotecário, dinamizando seu perfil, abrindo-lhe um leque de oportunidades de crescimento.

Mas voltando a pesquisa, pode-se verificar que algumas universidades implantaram nos seus currículos, disciplinas básicas, como, automação de bibliotecas; introdução à informática; análise de softwares aplicáveis a unidades e serviços de informação; e editoração, com a nomenclatura podendo variar de universidade para universidade. Essas instituições de ensino não perceberam o potencial das tecnologias da informação para a formação de um profissional, mais preparado para encarar às exigências da atual sociedade da informação. Isto é, formam profissionais para trabalhar, predominantemente, em bibliotecas, engessando assim as possibilidades de atuação do mesmo ao sair da universidade, que teoricamente teria que lhe oferecer uma formação básica em consonância com as necessidades de atuais mercado.

Outras instituições de ensino implantaram currículos mais elaborados, dando certa ênfase à questão das tecnologias da informação na formação do bibliotecário, introduzindo disciplinas além das já citadas, outras como, banco de dados I e II; gerenciamento eletrônico de documentos; introdução à ciência da computação; introdução à análise de sistemas; base de dados; tratamento de material não-convencional; catalogação automatizada; tecnologia de informação em biblioteca I e II; sistemas de informação; sistema de recuperação da informação; história da tecnologia; e introdução à tecnologia da informação, com a nomenclatura também podendo variar.

Já outras instituições de ensino vão além (a minoria), ofertando disciplinas mais complexas, como, gestão de conteúdos eletrônicos; tecnologia de informação na web; redes de informação e novas tecnologias; introdução ao desenvolvimento de web sites; biblioteca virtual; design de portais para unidades de informação; tecnologia da informação I e II;

produção de documentos eletrônicos; algoritmos e programação; arquitetura da informação; gestão da informação na web; e hipermídia e hipertexto.

O que se constata pelo estudo efetuado é que muitas universidades fizeram reformulações curriculares, no entanto, ainda existem resquícios dos currículos mínimos que foram abolidas pela nova Lei de Diretrizes e Base da Educação Nacional. No obstante, vale ressaltar, se outras universidades fizeram alguma reformulação, foi há muitos anos, onde as exigências no tocante das novas tecnologias da informação não eram tão incisivas. Isso pode ser percebido na fala de Marcondes (1998, p.72),

A concepção atual do ensino das tecnologias de informação na formação de profissionais de informação remota, no Brasil, aos anos 80, data da última versão do currículo mínimo de biblioteconomia [...] Hoje o emprego de tecnologia da informação é muito mais abrangente e amplo que a mera automação de um acervo, cobrindo por completo todo o ciclo de produção, transferência e uso da informação.

A grande questão que fica, é que muitas das instituições de ensino superior no Brasil, que ofertam o curso de biblioteconomia, não conseguiram mensurar como alguns anos depois as tais tecnologias da informação seriam tão importantes, sendo um reflexo do mundo moderno de hoje, e como exerceriam um papel preponderante, no cenário biblioteconômico.

8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A literatura que trata da formação profissional dos bibliotecários costuma ter um tom de alerta para os perigos de não saber lidar com as tecnologias de informação sob risco de sucumbirem às exigências do mercado. Paralelamente discute-se, nessa linha de análise da atuação profissional, a concorrência de outros perfis. Por outro lado, na leitura de textos sobre as tecnologias da informação aplicada a biblioteconomia, nos deparamos com uma gama de soluções e de perspectivas quase ilimitadas para todas as questões reais e potenciais. É fato que essas tecnologias trazem vantagens, mas não resolve tudo.

No meio desse leque de opções entre a catástrofe e o paraíso é que provavelmente se situa a realidade de formação profissional e de uso e conhecimento das tecnologias de informação. O complexo, nesse caso, é dimensionar exatamente quanto se deve conhecer, no caso dos profissionais da informação, especialmente os bibliotecários, considerando a gama de aplicativos e aplicações, soluções e serviços disponíveis ou potenciais.

É ilusório imaginar que os cursos de graduação, de mestrado, ou de doutorado conseguirão responder a essas demandas de forma absoluta. Mesmo com deficiências e atrasos em relação ao desenvolvimento científico e tecnológico, que são comuns a todos os cursos. Encontrar um ponto de equilíbrio é um desafio para as instâncias formadoras. Barbosa (1998, p. 58) salienta a necessidade de as escolas e departamentos adotarem novas estratégias e novos posicionamentos em seus programas educacionais direcionados para a formação de profissionais de informação.

Não se trata de defender ou de negar a importância de se conhecer as diversas ferramentas tecnológicas, mas fundamentalmente de dimensionar esse conhecimento. Faz-se necessário acrescentar que este trabalho, não pretendeu concluir as discussões ou reflexões acerca da formação do novo profissional bibliotecário, bem como, do futuro profissional, e da relação destes com o novo leitor, visto que esse tema merece mais estudos. O objetivo foi de despertar e fomentar nos estudantes e profissionais as possibilidades para o futuro que se pode dar à profissão e ao curso de biblioteconomia.

Campello (2003) ressalta que, o aprendizado ao longo da vida prepara o Profissional da Informação Bibliotecário a atingir metas e aproveitar oportunidades em evolução para o benefício compartilhado. Além disso, auxilia-o a enfrentar os desafios tecnológicos, econômicos e sociais para reverter desvantagens e incrementar as oportunidades.

Face ao avanço das novas relações entre os processos educacionais e as tecnologias da informação, a educação deverá promover o desenvolvimento do educando em todos os sentidos, visando de tal modo, uma interação crítica com o mundo moldado pela ciência e tecnologia. Nesta perspectiva, a universidade deverá subsidiar a formação deste profissional, proporcionando ao mesmo, o aprendizado e desenvolvimento de competências e habilidades imprescindíveis a uma atuação profissional mais segura e consistente.

Como se pode observar, o profissional da informação, em decorrência de seu papel intermediário, não pode ficar alheio à realidade social que o cerca e sua formação deve, portanto, refletir essas mudanças. Sua função está evoluindo, conseqüentemente, suas competências. Além disso, a utilização crescente das novas tecnologias pelos serviços de informação indica uma tendência de transformar o posicionamento do bibliotecário, de profissional passivo para agente disseminador da informação, tornando-o apto a usar os recursos tecnológicos disponíveis, capaz de promover, de forma ativa, a transferência da informação para os seus usuários e não apenas como um mero repassador desta.

REFERÊNCIAS

ABECIN. *Avaliação do processo formativo na área de Biblioteconomia/Ciência da Informação*: documento referencial. In: SEMINÁRIO NACIONAL DE AVALIAÇÃO CURRICULAR, 4., 2002, Fortaleza. Oficina Regional de Trabalho Norte/Nordeste. Fortaleza, 2002. 23 p. Disponível em: <<http://www.abecin.org/Documentosabecin.htm>>. Acesso em: 18 ago. 2007.

ABECIN. *Projeto pedagógico e avaliação da graduação: referências para a renovação e ressignificação do ensino de Biblioteconomia/Ciência da Informação*. In: Oficina Regional de Trabalho de São Paulo. São Paulo, 2001. 29 p. Disponível em: <<http://www.abecin.org/Documentosabecin.htm>>. Acesso em: 18 ago. 2007.

ALMEIDA JÚNIOR, Oswaldo Francisco de. Profissional da informação: entre o espírito e a produção. In: VALENTIM, Marta Lígia Pomim (Org.). *O profissional da informação: formação, perfil e atuação profissional*. São Paulo: Polis, 2000. p. 31-51.

ANDRADE, Patrícia Carlos de. Bibliotecários. *Oriente-se*: guia de profissões e mercado de trabalho. Rio de Janeiro: Educacional, 2000. p.150-151.

ANTÔNIO, Irati. A biblioteca ao agente da informação: seu perfil diante de novas tecnologias. *Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação*, Florianópolis, v. 24, n. 1/4, p. 76-85, 1991.

ARRUDA, Maria Conceição Calmon. MARTELETO, Regina Maria; SOUZA, Donaldo Bello de. Educação, trabalho e o delineamento de novos perfis profissionais: o bibliotecário em questão. *Ciência da Informação*, Brasília, v. 29, n. 3, p. 14-24, 2000. Disponível em: <www.scielo.br/pdf/ci/v29n3/a02v29n3.pdf>. Acesso em: 10 mar. 2007.

BAPTISTA, S. G. *Bibliotecário autônomo versus institucionalizado*: carreira, mercado de trabalho e comprometimento organizacional. 1988. 234 f. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) Brasília: Universidade de Brasília, 1998.

BARBOSA, Ricardo Rodrigues. Perspectivas profissionais e educacionais em Biblioteconomia e Ciência da informação. *Ciência da Informação*, Brasília, v. 27, n. 1, p. 53-60, 1998. Disponível em: <www.scielo.br/pdf/ci/v27n1/07.pdf>. Acesso em: 20 fev. 2007.

BLATTAMANN, Ursula; FACHIN, Gleisy Regina Bóries. Tecnologia da informação: uso da Internet complementando atividades de ensino no Curso de Biblioteconomia. *Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina*, Florianópolis, v. 3, n. 3, 1998. Disponível em:

<www.acbsc.org.br/revista/ojs/include/getdoc.php?id=743&article=23&mode=pdf>. Acesso em: 17 abr. 2007.

CAMPELLO, Bernadete. A escolarização da competência informacional. *Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação*: Nova Série, São Paulo, v. 2, n. 2, p. 63-77, dez. 2006. Disponível em: <<http://143.106.108.58/seer/ojs/ojs/index.php>>. Acesso em: 09 mar. 2007.

CARVALHO, Kátia de. O profissional da informação: o humano multifacetado. *Ciência da Informação*, Brasília, v. 2, n. 5, out. 2002. Disponível em: <<http://www.ibict.br/cionline>>. Acesso em: 11 maio 2007.

CASTRO, César Augusto. Histórico e evolução curricular na área de biblioteconomia no Brasil. In: VALENTIM, Marta Lígia Pomim (Org.). *Formação do profissional da informação*. São Paulo: Polis, 2002. p. 25-48.

_____. *História da biblioteconomia brasileira*. Brasília: Thesaurus, 2000.

CHARTIER, R. *A ordem dos livros: leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII*. Brasília: UnB, 1994. 111 p.

CUNHA, Miriam Vieira da. A formação dos profissionais da informação na França: comparação com o sistema brasileiro. In: VALENTIM, Marta Lígia Pomim (Org.). *O profissional da informação: formação, perfil e atuação profissional*. São Paulo: Polis, 2000. p. 71-90.

DIAS, Antônio Caetano. *O ensino da biblioteconomia no Brasil*. Rio de Janeiro: IPASE, 1956. 32 p.

DURHAM, Eunice Ribeiro; WEBER, Silke; FIGUEIREDO, Vilma de Mendonça. *Diretrizes curriculares nacionais dos cursos de Filosofia, História, Geografia, Serviço Social, Comunicação Social, Ciências Sociais, Letras, Biblioteconomia, Arquivologia e Museologia*. Brasília: Ministério da Educação/Conselho Nacional de Educação, 2001. Aprovado em 3 de abril de 2001. Disponível em <<http://portal.mec.gov.br/cne/index.php?option=content&task=view&id=69&Itemid=227>>. Acesso em: 15 abr. 2007.

ECO, Umberto. *O nome da rosa*. Rio de Janeiro: O Globo, 2003. 479 p.

EGGERT, Gisela. A percepção social do profissional bibliotecário: uma pesquisa exploratória. *Revista ACB: biblioteconomia em Santa Catarina*. Florianópolis, v. 1, n. 1, p. 33-43, 1996.

EGGERT, Gisela; MARTINS, M. E. G. Bibliotecário. Quem é? O que faz? *Revista ACB: biblioteconomia em Santa Catarina, Florianópolis*, v. 1, n. 1, p. 45-54, 1996.

GIL, Antônio Carlos. *Métodos e Técnicas de Pesquisa Social*. 5 ed. São Paulo: Atlas, 1999.

GUIMARÃES, José Augusto Chaves. Estudos curriculares em biblioteconomia no Mercosul: reflexões sobre um trajetória. In: VALENTIM, Marta Lígia Pomim (Org.). *Formação do profissional da informação*. São Paulo: Polis, 2002. p. 9-23.

_____. O profissional da informação sob o prisma de sua formação. In: VALENTIM, Marta Lígia Pomim (Org.). *O profissional da informação: formação, perfil e atuação profissional*. São Paulo: Polis, 2000. p. 53-70.

_____. Moderno profissional da informação: elementos para sua formação no Brasil. *Transinformação*, Campinas, v. 9, n. 1, p. 124-137, jan./abr. 1997. Disponível em: <<http://www.congreso-info.cu/UserFiles/File/Info/Info97/Ponencias/007.pdf>>. Acesso em: 20 fev. 2007.

_____. Profissionais da informação: desafios e perspectivas para sua formação. In: BAPTISTA, Sofia Galvão; MUELLER, Suzana Pinheiro Machado (Org.). *Profissional da informação: o espaço de trabalho*. Brasília: Thesaurus / CID-UnB, 2004. p. 87-104.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. *Fundamentos de metodologia científica*. São Paulo: Altas, 2001.

LANCASTER, F. W. Ameaça ou oportunidade? O futuro dos serviços de biblioteca à luz das inovações tecnológicas. *Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG*, Belo Horizonte, v.23, n.1, p.7-27, jan./jun. 1994.

LECACOV, Marília. Bibliotecas virtuais: (r) evolução? *Ciência da Informação*. Brasília, v. 26, n. 2, maio/ago., 1997.

LUDKE, Menga; ANDRÉ, Marli E. D. A. *Pesquisa em educação: abordagens qualitativas*. São Paulo: EPU, 1986.

MCCARTHY, Cavan Michael. O comportamento do bibliotecário diante da informática. *Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG*, Belo Horizonte, v. 18, n. 1, p.7-23, mar. 1989.

MARCONDES, Carlos H. *Tecnologias da informação na formação do profissional da informação*. [s.l.: s.n.], 1998. Disponível em: <www.utem.cl/deptogestinfo/11.ok.doc>. Acesso em: 20 fev. 2007.

MILANESI, Luís. A formação do informador. *Informação & Informação*, Londrina, v. 7, n. 1, p. 07-40, jan./jun. 2002. Disponível em: <www.uel.br/revistas/informacao/include/getdoc.php?id=326&article=116&mode=pdf>. Acesso em: 17 maio 2007.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. Diretrizes Curriculares Nacionais dos cursos de Filosofia, História, Geografia, Serviço Social, Comunicação Social, Ciências Sociais, Letras, Biblioteconomia, Arquivologia e Museologia. Brasília: Ministério da Educação, 2001. Aprovado em 3 de abril de 2001. Disponível em <<http://portal.mec.gov.br/cne/index.php?option=content&task=view&id=69&Itemid=227>>. Acesso em 15 abr. 2007.

MUELLER, Suzana Pinheiro Machado. Perfil do bibliotecário, serviços e responsabilidades na área de informação e formação profissional. *Revista de Biblioteconomia de Brasília*, v. 17, n. 1, p. 63-70, jan./jun. 1989.

MUELLER, Suzana Pinheiro Machado. Uma profissão em evolução: profissionais da informação no Brasil sob a ótica de Abbott: proposta de estudo. In: BAPTISTA, Sofia Galvão; MUELLER, Suzana Pinheiro Machado (Org.). *Profissional da informação: o espaço de trabalho*. Brasília: Thesaurus / CID-UnB, 2004. p. 23-54.

RODRIGUES, M. E. F. Relação ensino-pesquisa: em discussão a formação do profissional da informação. *DataGramaZero: revista de ciência da informação*, Rio de Janeiro, v. 3, n. 5, out. 2002. Disponível em: <http://www.dgz.org.br/out02/F_I_art.htm>. Acesso em: 15 abr. 2007.

SANTOS, Plácida L. V. Amorim da Costa. As novas tecnologias na formação do profissional da informação. In: VALENTIM, Marta Lígia Pomim (Org.). *Formação do profissional da informação*. São Paulo: Polis, 2002. p. 103-118.

SILVA, Edna Lúcia da Silva; CUNHA, Miriam Vieira da. A formação profissional no século XXI: desafios e dilemas. *Ciência da Informação*, Brasília. v. 31, n. 3, p. 77-82, 2002. Disponível em: <<http://www.ibict.br/cionline/>>. Acesso em: 15 abr. 2007.

SILVA, José Fernando Modesto da. O impacto tecnológico no exercício profissional em ciência da informação: o bibliotecário. In: VALENTIM, Marta Lígia Pomim (Org.). *Atuação profissional na área de informação*. São Paulo: Polis, 2004. p. 83-96.

SMIT, Johanna W.; BARRETO, Aldo de Albuquerque. Ciência da informação: base conceitual para a formação do profissional. In: VALENTIM, Marta Lígia Pomim (Org.). *Formação do profissional da informação*. São Paulo: Polis, 2002. p. 9-23.

SOUZA, Clarice Muhlethaler de. Reflexões sobre os rumos de biblioteconomia. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE BILIOTECONOMIA E DOCUMENTAÇÃO, 18, 1998, São Luís. *Anais eletrônicos...* São Luís: [s. n.], 1998. 15p.

TAKAHASHI, Tadao (org.) *Sociedade da informação no Brasil*: livro verde. Brasília: Ministério da Ciência e Tecnologia, 2000. p.176.

TARAPANOFF, K. O profissional da informação em áreas de ciência e tecnologia no Brasil: características e tendências. *Ciência da Informação*, Brasília, v.12, n.2, p.103-119, jul./dez. 1989.

TRIVIÑOS, Augusto N.S. *Metodologia da pesquisa em Ciências Sociais*. São Paulo: Atlas, 1990.

VALENTIM, Marta Lígia Pomim. Atuação e perspectivas profissionais para o profissional da informação. In: _____. *O profissional da informação*: formação, perfil e atuação profissional. São Paulo: Polis, 2000. p. 135-152.

VALENTIM, Marta Lígia Pomim. Profissional da informação: formação, perfil e atuação profissional. In: _____. *O profissional da informação*: formação, perfil e atuação profissional. São Paulo: Polis, 2000. p. 7-29.

VALENTIM, Marta Lígia Pomim. Profissional da informação: formação, perfil e atuação profissional. In: _____. *Formação do profissional da informação*. São Paulo: Polis, 2002. p. 117-13.

VALENTIM, Marta Lígia Pomim. Profissional bibliotecário e as perspectivas socioeconômicas neste final de século. In: ENCUESTRO DE DIRECTORES DE LAS ESCUELAS DE BIBLIOTECOLOGÍA DEL MERCOSUR, 3., 1998, Santiago do Chile; ENCUESTRO DE DOCENTES DE LAS ESCUELAS DE BIBLIOTECOLOGÍA DEL MERCOSUR, 2., 1998, Santiago do Chile. *Anais...* Santiago do Chile: Universidad Tecnológica Metropolitana, 1998. p. 109-114. Disponível em: <<http://www.utem.cl/deptogestinfo/21.doc>>. Acesso em: 31 ago. 2005.

VIEIRA, Anna da Soledade. Desenvolvimento de um Novo Profissional para um Novo Tempo. *Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG*, Belo Horizonte, v.22, n.1, p. 111, jan./jun. 1993.

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

BAPTISTA, Sofia Galvão; BRANDT, Mariana Baptista. Do manuscrito ao digital: a longa sobrevivência das bibliotecas e dos profissionais envolvidos. *Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação*, Campinas, v.4, n.esp., p.21-40, 2006. Disponível em: <server01.bc.unicamp.br/seer/ojs/include/getdoc.php?id=346&article=100&mode=pdf>. Acesso em: 29 set. 2007.

BAPTISTA, Sofia Galvão; MUELLER, Suzana Pinheiro Machado (Org.). *Profissional da informação: o espaço de trabalho*. Brasília: Thesaurus, 2004.

BATTLES, M. *A conturbada história das bibliotecas*. São Paulo: Planeta, 2003. 239p.

BURKE, Peter. *Uma história social do conhecimento: de Gutenberg a Diderot*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003. 241 p.

CASTRO, César Augusto; RIBEIRO, Maria Solange Pereira Ribeiro. As contradições da sociedade da informação e da formação do bibliotecário. *Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação*, Campinas, v. 1, n. 2, p. 41-52, jan./jun. 2004. Disponível em: <server01.bc.unicamp.br/seer/ojs/include/getdoc.php?id=62&article=16&mode=pdf>. Acesso em: 18 ago. 2007.

CORRÊA, Elisa Cristina Delfini. Formação do bibliotecário catarinense e as novas tecnologias: contribuição da ACB e do CRB-14. *Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina*, Florianópolis, v. 6, n. 1, p. 7-27, 2001. Disponível em: <<http://www.acbsc.org.br/revista/ojs/viewarticle.php?id=56>>. Acesso em: 10 mar. 2007.

CUNHA, Miriam Vieira da. CRIVELLARI, Helena Maria Tarchi. O mundo do trabalho na sociedade do conhecimento e os paradoxos das profissões da informação. In: VALENTIM, Marta Lígia Pomim (Org.). *Atuação profissional na área de informação*. São Paulo: Polis, 2004. p. 39-54.

DAVENPORT, Thomas H. *Ecologia da informação: por que só a tecnologia não basta para o sucesso na era da informação*. São Paulo: Ed. Futura, 2001.

ECHEGARAY, Maria Auxiliadora Andrade de et al. Mercado de trabalho do profissional bibliotecário em Goiânia. *Revista Comunicação e Informaçã.*, Goiânia, v. 1, n. 1, p. 194-211, jan./jun. 1998.

LUBISCO, Nídia M. L.; BRANDÃO, Lídia M. B. (Org.). *Informação & informática*. Salvador: EDUFBA, 2000. 307 p.

McGARRY, K. Armazenamento e recuperação de informações na sociedade. In: McGARRY, *O contexto dinâmico da informação*: uma análise introdutória. Brasília: Briquet de Lemos/Livros, 1999. p.111-142.

MORENO, Edinei Antônio. A formação continuada dos profissionais bibliotecários: análise do conteúdo dos sites das entidades de classe. *Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina*, Florianópolis, v. 12, n. 1, p. 43-58, jan./jun., 2007. Disponível em: <<http://www.acbsc.org.br/revista/ojs/>>. Acesso em: 18 ago. 2007.

OLIVERIA, Zita Catarina Prates de. *O bibliotecário e sua auto-imagem*. São Paulo: Pioneira, 1983. 98 p.

ORTEGA, Cristina Dotta. Relações históricas entre Biblioteconomia, Documentação e Ciência da Informação. *DataGramZero*: revista de ciência da informação, Rio de Janeiro, v. 5. n. 5, out. 2004. Disponível em: <http://www.dgzero.org/out04/Art_03.htm> . Acesso em: 08 mar. 2007.

ROWLEY, Jennifer. *A biblioteca eletrônica*. Brasília: Briquet de Lemos, 2002.

SANTOS, Jussara Pereira. O perfil do profissional bibliotecário. In: VALENTIM, Marta Lígia Pomim (Org.). *O profissional da informação*: formação, perfil e atuação profissional. São Paulo: Polis, 2000. p. 107-118.

VALENTIM, Marta Lígia Pomim (Org.). *Atuação profissional na área de informação*. São Paulo: Polis, 2004. 191 p.

VALENTIM, Marta Lígia Pomim (Org.). *O profissional da informação*: formação, perfil e atuação profissional. São Paulo: Polis, 2000. 156 p.

VALENTIM, Marta Lígia Pomim (Org.). *Formação do profissional da informação*. São Paulo: Polis, 2002. 152 p.

VITORINO, Elizete Vieira. Competência informacional do profissional da informação bibliotecário: construção social da realidade. *Enc. Bibli: R. Eletr. Bibliotecon. Ci. Inf.*, Florianópolis, n. 24, p. 59-71, 2º sem.2007. Disponível em: <www.encontros-bibli.ufsc.br/Edicao_24/vitorino.pdf>. Acesso em: 26 set. 2007.

SITES CONSULTADOS

www.crb1.org.br/

<http://www.inep.gov.br/>

<http://www.abecin.org.br/portal/abecin/main.php?sl=ini>

www.fatea.br

<http://www.unesp.br>

www.ufrn.br

www.ufrgs.br

www.fainc.com.br

www.ufpb.br

www.udesc.br

<http://www.usp.br>

www.uniformg.edu.br

<http://www.ufg.br>

<http://www.ufsc.br>

www.ufma.br

<http://www.unb.br>

<http://www.ufal.br>

www.furg.br

www.ufc.br

<http://www.ufmg.br>

www.usu.br

www.uel.br

www.ufmt.br

www.ufam.edu.br

<http://www.unirio.br>

www.ufes.br

www.ufpe.br

www.funlec.com.br

www.cesat.br

www.puc-campinas.edu.br

www.uespi.br

www.imapes.br

www.doctum.com.br

www.unifai.edu.br

www.ufpa.br

www.fespsp.org.br

www.ufscar.br

<http://www.uff.br>

www.pucpr.br

<http://www.ufba.br>

www.ufrj.br

APÊNDICE A – Disciplinas tecnológicas dos cursos de Biblioteconomia no Brasil

IMAPES - INSTITUTO MANCHESTER PAULISTA DE ENSINO SUPERIOR

Informática

Banco de Dados I

Banco de Dados II

Automação de Unidades de Informação

Sistemas de Informação

Gestão de Conteúdos Eletrônicos

Tecnologia de Informação na Web

Editoração

Gerenciamento Eletrônico de Documentos

IESF - INSTITUTO DE ENSINO SUPERIOR DA FUNLEC

Introdução à Ciência da Computação

Introdução à Análise de Sistemas

Redes de Informação e Novas Tecnologias

Automação de Bibliotecas

Introdução ao Desenvolvimento de Web Sites

Geração e Uso de Base de Dados

Biblioteca Virtual

FURG - FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE

Design de Portais para Unidades de Informação

Análise de Softwares Aplicáveis a Unidades e Serviços de Informação

Editoração

FATEA - FACULDADES INTEGRADAS TERESA D'ÁVILA

Introdução à Informática
Informática Aplicada à Biblioteconomia
Automação de Bibliotecas
Tratamento de Material Não-Convencional
Geração e Uso de Bases de Dados
Editoração

FAINC - FACULDADES INTEGRADAS CORAÇÃO DE JESUS

CBRC: Catalogação Automatizada
CBRC: Tecnologia da Informação
Automação de Bibliotecas e Sistemas de Informação
Fundamentos de Informática
Editoração Eletrônica

CESAT - ESCOLA SUPERIOR DE ENSINO ANÍSIO TEIXEIRA

Introdução à Informática
Automação em Sistemas de Informação
Análise de Projetos Automatizados de Informação

PUCPR - PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO PARANÁ

Organização de Documentos Multimídia
Tecnologia de Informação em Biblioteca I
Tecnologia de Informação em Biblioteca II

UFSC - UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA

Editoração
Automação de Bibliotecas
Gerenciador de Base de Dados MICROISIS

UFMA - UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO

Elementos de Informática

Automação em Unidades de Informação

UFRGS - UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

Produção de Documentos Eletrônicos

Planejamento e Elaboração de Bases de Dados

Algoritmos e Programação

Fundamentos de Editoração

Introdução à Informática

UFRN - UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE

Introdução à Informática

Softwares Aplicativos

UFC - UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ

Tecnologias da Informação I

Informática Aplicada a Biblioteconomia e a Ciência da Informação

Editoração

Tecnologias da Informação II

Informática Documentária

Geração e Uso de Bases de Dados para Unidades de Informação

UFSCAR - UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS

Tecnologias da Informação

História da Ciência e Tecnologia

Informação em Ciência e Tecnologia

Geração e Uso de Base de Dados

Introdução à Análise de Sistemas

Introdução à Informática
Editoração Eletrônica 1
Arquitetura da Informação

UEL - UNIVERSIDADE ESTADUAL DE LONDRINA

Introdução às Tecnologias de Informação Aplicadas à Ciência da Informação
Tecnologias Aplicadas à Representação Descritiva
Gestão da Informação na WEB
Gestão da Automação
Hipermissão e Hipertexto

UFF – UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE

Tecnologias da Informação

UFRJ - UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO

Tecnologia da Informação e Comunicação
Sistema de Recuperação da Informação
Arquitetura da Informação
Gerenciamento Eletrônico de Documentos
História da Tecnologia
Informática para Documentação
Introdução à Tecnologia da Informação
Multimídia e Hipertexto na Educação
Editoração

UNB - UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA

Informática Documentária
Introdução a Microinformática
Planejamento e Elaboração de Bases Dados
Técnicas de Editoração

UNIFORMIG - CENTRO UNIVERSITÁRIO DE FORMIGA

Introdução à Informática

Tecnologia da Informação

Gestão de Documentos Eletrônicos

Automação de Unidades de Informação

USP - UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

Documentação e Informática

Informação, Ciência e Tecnologia

Tecnologias de Informação: Estudo de Casos

FABCI - FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO

Não foi encontrada nenhuma disciplina tecnológica nas disciplinas que estão disponíveis no site, que são equivalentes há somente quatro semestres.